



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

ANDRÉA PEREIRA DO NASCIMENTO

**“CAJAZEIRAS, A CIDADE QUE ENSINOU A PARAÍBA A LER”: AS  
CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORAS  
CATÓLICAS**

CAJAZEIRAS-PB

2018

ANDRÉA PEREIRA DO NASCIMENTO

**“CAJAZEIRAS, A CIDADE QUE ENSINOU A PARAÍBA A LER”: AS  
CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORAS  
CATÓLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cajazeiras-PB, como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Joseane Abílio de Sousa Ferreira

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

N244c Nascimento, Andréa Pereira do.  
“Cajazeiras, a cidade que ensinou a Paraíba a ler”: as contribuições da história de vida de professoras católicas / Andréa Pereira do Nascimento. - Cajazeiras, 2018.  
59f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Joseane Abílio de Sousa Ferreira.  
Monografia(Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. História educacional - Cajazeiras - PB. 2. História educacional - Paraíba. 3. Educação. 4. Professoras católicas. I. Ferreira, Joseane Abílio de Sousa. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

**“CAJAZEIRAS, A CIDADE QUE ENSINOU A PARAÍBA A LER”: AS  
CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORAS  
CATÓLICAS**

Aprovada em: 26 / 07 / 2018

**COMISSÃO EXAMINADORA:**




Profª Drª Joseane Abílio de Sousa Ferreira

**(Orientadora)**



Profª Drª Débia Suênia da Silva Sousa

**(Examinadora titular)**



Profª Drª Israel Soares de Sousa

**(Examinador titular)**

Profª Mestre Edilson Leite da Silva

**(Suplente)**

## **AGRADECIMENTOS**

Escrever sobre a história da minha cidade foi uma experiência maravilhosa que me fez visitar não só a história da cidade em si, mas a minha própria história, pois esta cidade faz parte de mim, assim como eu faço parte dela. Dessa maneira, tive a oportunidade de rever pessoas que fizeram parte da minha construção enquanto pessoa humana e da minha formação educacional. Pude visitar lugares nos quais vivi momentos que até hoje permanecem em minhas lembranças, mas que há muito tempo não ia a tais lugares. Ao revisita-los, revivi de certa forma, um pouco desses momentos através de minha memória. Agradeço, portanto, à minha orientadora Joseane Abílio de Sousa Ferreira pelo tempo que esteve comigo nessa experiência e por me oportunizar tudo isto. Agradeço à banca Débia Suênia da Silva Sousa e Israel Soares de Sousa pelas importantes considerações que muito contribuem para esse trabalho. Por fim, agradeço também a familiares, amigos e colegas que, de alguma maneira, também contribuíram para esta construção.

Aos professores e professoras que fazem história e deixam suas marcas em muitos dos que passam por sua belíssima e importantíssima prática pedagógica.

## RESUMO

Este trabalho teve a pretensão de analisar a história educacional de Cajazeiras/PB a partir da fala de professoras católicas, buscando entender o papel social dessas pessoas na formação educacional da região e reescrever a história oficial tentando identificar os “silêncios” da história contada e desconstruir as “verdades” conformadas. Tal objetivo parte de uma inquietação acerca de como a história dessa cidade é contada. Cajazeiras, localizada no alto sertão da Paraíba, é bem conhecida pelo valor educacional nela existente. Voltando um pouco na sua história, podemos observar grandes contribuições de educadores ligados à igreja católica, entre eles, o principal e considerado fundador da cidade: Padre Rolim. Porém, não podemos deixar de lado a existência de outros personagens que também forneceram suas contribuições. Por esse motivo, o trabalho se baseia em fontes como Burke (2005), Vidal (2005) e Sharpe (1992), que trazem contribuições acerca da escrita da história, além de Sousa (2018); Leitão (2000); Cunha (2000); Pires (1991), entre outros, que escrevem acerca da história da cidade de Cajazeiras. Foi utilizada, portanto, a abordagem qualitativa de cunho exploratório-descritivo-explicativo, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, realizada com duas professoras católicas da região estudada. O estudo possibilitou recontar a história educacional da cidade, a partir das memórias das professoras, que trouxeram novos fatos advindos de suas realidades particulares com a educação da região e novos olhares acerca dessa história.

**Palavras-chave:** História educacional; Silêncios; Professoras católicas.

## ABSTRACT

This work had the pretension to analyze the educational history of Cajazeiras- PB from the Catholic Teachers' speech, aiming to understand these people's social role in the educational formation of the region and rewrite the official history trying to identify the "silences" of the story that has been told and deconstruct the conformed "truth". Such an objective starts from a restlessness about how the history of this city is told. Cajazeiras, located in the *sertão* of Paraíba, is well known for its educational value. Back in the history, we can notice educators' great contributions from Catholic Church, among them, the main and considered the city founder: Padre Rolim. However, we cannot put aside other people's existence who also provided their contributions. For this reason, the work is based on sources such as Burke (2005), Vidal (2005) and Sharpe (1992), that bring contributions about writing history, also Sousa (2018); Leitão (2000); Cunha (2000); Pires (1991), among others, that wrote about the City history of Cajazeiras. Therefore, we used qualitative approach and exploratory, descriptive research, with semistructured interview as data collect instrument, we interviewed two Catholic teachers from the region. The study made the educational history of the city recounting possible, starting from the teachers' memories, which brought new facts arising their particular realities with this region education and new perspectives about the history.

**Keywords:** Oral History, Silences, Catholic Teachers.



## QUADROS E IMAGENS

<b>FIGURA 1</b> – Antiga Imagem de Nossa Senhora da Piedade.....	18
<b>FIGURA 2</b> – Inácio de Sousa Rolim e a educação em Cajazeiras (linha temporal).....	20
<b>FIGURA 3</b> – Colégio Nossa Senhora de Lourdes.....	27
<b>FIGURA 4</b> – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras.....	28
<b>FIGURA 5</b> – Escola Monte Carmelo.....	29
<b>FIGURA 6</b> – Colégio Nossa Senhora do Carmo.....	29

## SIGLAS

CNSC – Colégio Nossa Senhora do Carmo

CNSL – Colégio Nossa Senhora de Lourdes

IENS – Irmãs Escolares de Nossa Senhora

FAFIC – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras

IPHAEP – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I - “REVISITANDO” A HISTÓRIA EDUCACIONAL DA CIDADE DE CAJAZEIRAS</b> .....	14
<b>1.1. A memória e as contribuições de figuras católicas na constituição da história oficial da educação de Cajazeiras.</b> .....	17
<b>CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE AS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS CATÓLICAS: O LUGAR OCUPADO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE CAJAZEIRAS</b> .....	23
<b>CAPÍTULO III - RECONSTRUINDO A HISTÓRIA EDUCACIONAL DE CAJAZEIRAS: AS CONTRIBUIÇÕES DE PROFESSORAS E O SEU LUGAR SOCIAL</b>	31
<b>3.1. As contradições e silêncios de uma formação docente: os saberes adquiridos e a influencia do catolicismo</b> .....	33
<b>3.2. Discutindo a frase: “Cajazeiras: a cidade que ensinou a Paraíba a ler”</b> .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>APÊNDICES</b>	
<b>Apêndice A – Roteiro de entrevista</b>	
<b>Apêndice B – Entrevistas Transcritas</b>	

## INTRODUÇÃO

“Cajazeiras, a cidade que ensinou a Paraíba a ler”, assim ficou conhecida a região sobre a qual este trabalho se propõe a pesquisar, objetivando analisar a sua história que, como bem se sabe, se constituiu com base na educação e fez do lugar um pólo, atualmente, nesse eixo. O interesse em pesquisar a história dessa cidade partiu de uma inquietação a respeito de como a sua história é contada.

Dessa forma, observando a história oficial de Cajazeiras/PB, sabe-se das contribuições de educadores ligados à religião católica para o seu desenvolvimento, entre eles, o mais conhecido e considerado fundador da cidade: Padre Rolim que, de acordo com Leitão (2000), plantou a semente que fez germinar a educação na região: uma pequena escola com “meia dúzia” de alunos que, com o passar do tempo, foi se tornando conhecida e desenvolveu-se passando a receber alunos de diversas regiões, influenciando também no crescimento local.

Todavia, é importante considerar a existência de outros personagens que fazem parte dessa história e também contribuíram para o seu desenvolvimento enquanto pólo educacional do sertão paraibano. Assim, verifica-se a importância social em estudar a história da educação dessa cidade e desconstruí-la, recontando e fazendo com que sejam inseridos os personagens comuns que dela também fazem parte, devolvendo a eles o seu devido reconhecimento e levando à população outras versões de sua história local.

É nesse sentido que este trabalho se propôs a analisar essa história buscando, com base na fala de professoras católicas, desconstruí-la; entender o papel que essas pessoas tiveram na formação educacional dessa cidade e identificar os “silêncios” da história contada ao tempo em que se pretende desconstruir as “verdades” conformadas.

Para tanto, o trabalho se baseou em fontes teóricas como Burke (2005, p. 8) que traz um arcabouço teórico acerca de história cultural e suas contribuições para a desconstrução histórica de uma realidade, reagindo a uma história que “[...] deixava de fora algo ao mesmo tempo difícil e importante de se compreender”, abarcando fatos do passado que não se conseguiu alcançar. Além disso, utilizou-se de outras fontes como: Sousa (2018); Leitão (2000); Cunha (2000); Pires (1991); entre outros que trazem em suas obras profundos estudos acerca da história de Cajazeiras.

Nossa pesquisa se pauta ainda nas indicações da Vidal (2005), quando aponta que os estudos de História da Educação estiveram pautados em concepções arraigadas à materialidade, desconsiderando a contextualização crítica e as análises significativas dos diversos momentos determinantes para a construção da educação. Nessa perspectiva se

abordava os fatos históricos, na maioria dos casos, como prontos e acabados, restringindo as análises e compreendendo como suficiente um conjunto de fatos, datas e fontes documentais para a tarefa de se fazer história<sup>1</sup>.

Essa maneira de fazer história limita a compreensão do fenômeno histórico em sua totalidade, especialmente por desconsiderar as fontes “vindas de baixo” (SHARPE, 1992), possibilitando o fazer historiográfico com base nos grandes acontecimentos da história política. Centrando, portanto, suas abordagens e análises nos fatos marcantes, produzindo uma história factual, em que complexos eventos históricos reduzam suas discussões e definições a um simples jogo de interesses e de poder entre os “grandes”, sejam eles homens ou países.

Nesse sentido, enfatizamos que a relevância da pesquisa partiu da importância de revisitar a história da educação da cidade de Cajazeiras/PB, nos possibilitando pensar a influência dos aspectos históricos que interferiam na organização desta e também naqueles que foram silenciados. O presente trabalho oportunizou ainda, entender que é bastante fértil a temática pesquisada, visto que, poucos são os trabalhos que se ocupam em discutir a história educacional a partir da fala de personagens mais comuns, como no nosso caso, a fala de professoras.

Esta pesquisa trata-se, portanto, de um estudo qualitativo de cunho exploratório-descritivo-explicativo. A pesquisa qualitativa não se preocupa com princípios/leis. Seu foco é, principalmente, na qualidade, na essência do conteúdo com o qual se trabalha. Seu cunho exploratório permite traçar uma visão geral do objeto de estudo. O caráter descritivo torna suas características melhor descritas e, por meio do aspecto explicativo identifica-se os fatores que originam o fenômeno estudado (GIL, 2011). Juntos esses aspectos abarcam os objetivos desta pesquisa.

A pesquisa foi realizada na cidade de Cajazeiras-PB, com 2 (duas) professoras dessa localidade, pois são as que tiveram maiores subsídios para responder ao que o trabalho se propõe. Os dados foram coletados a partir da entrevista semiestruturada que, de acordo com Minayo (1996) apud Costa (2000) permite ao pesquisador enumerar questionamentos com base em suas hipóteses da forma mais abrangente possível. No entanto, antes de iniciar a entrevista propriamente dita, foi necessário um esclarecimento acerca da temática, aspectos éticos, objetivos e meios pelos quais será feita a coleta de dados (entrevista gravada). Após

---

<sup>1</sup> O século XX, mais especificamente, os anos trinta, foram fortemente marcados por uma trajetória intelectual da *École des Annales*, liderada inicialmente por Lucien Febvre e Marc Bloch. Tal movimento foi institucionalizado depois de 1945, momento marcado pela história intelectual na França. O objetivo desse movimento era combater a história política, tradicional, dos grandes acontecimentos, a história factual ou oficial.

isso, as professoras assinaram um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), concordando em participar da pesquisa. Além disso, a pesquisa seguiu os preceitos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas realizadas com seres humanos.

Em nossas análises realizamos um cruzamento das fontes pesquisadas de acordo com a análise de conteúdo, ou seja, comparamos as falas das professoras com os registros oficiais da nossa história educacional de Cajazeiras-PB e das possíveis questões que foram silenciadas. Por fim relatamos nossas impressões sobre os aspectos gerais da história educacional de Cajazeiras, contada e recontada a partir da nossa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O trabalho foi organizado em dois momentos. No primeiro momento, dividido em dois capítulos, abordamos a história oficial da cidade, seus principais personagens e instituições relacionados à educação, pois temos a consciência de que, para contar ou revisitar a história educacional, precisamos verificar anteriormente o contexto histórico e a história contada.

No segundo momento realizamos as entrevistas com as professoras, procurando discutir questões que não apareciam na literatura oficial, de modo que elas pudessem enfatizar sua participação e contribuição para a educação de Cajazeiras/PB. Assim, nos detemos a um olhar mais aguçado na participação de outros personagens na história educacional da região, tentando abrir passagem para novas versões dessa história, analisando o papel social dessas pessoas e as suas contribuições. Realizamos, portanto, uma análise comparativa do discurso das professoras e a história oficial, enfatizando o papel e a participação das docentes na construção da história educacional de Cajazeiras/PB. Tal estudo nos ajuda a pensar o quanto discutir as raízes históricas da nossa educação pode apontar indícios da realidade educacional do tempo presente.

## **CAPÍTULO I - “REVISITANDO” A HISTÓRIA EDUCACIONAL DA CIDADE DE CAJAZEIRAS**

Pensar a representação de um lugar ou um de espaço, enquanto identidade, quase sempre remete associações ligadas à cultura, tradições, territórios, instituições e ainda questões referentes às construções interpretativas e imaginárias, e da fala propriamente dita (CHARTIER, 1990).

Podemos dizer que a construção de conceitos e denominações de um dado local é dada, ainda que num primeiro momento, pelas conotações que são atribuídas por seus intérpretes. São as ações interpretativas quem irão estabelecer uma interação entre as particularidades (os “pré-conceitos”) e sua relação com a totalidade. Ou seja, as representações são uma construção e muito podem expressar sobre o objeto, em alguns momentos as realidades são expostas explicitamente, em outros, nas entrelinhas e em outros ainda, são apenas silenciadas (VIDAL, 2005).

No caso da nossa pesquisa, não é diferente. Para traçamos um panorama da História da Educação de Cajazeiras, buscaremos dar lugar às vozes silenciadas pela história oficial. Para Sharpe (1992, p. 54): “a expressão ‘história vista de baixo’ implica que há algo acima para ser relacionado”. Nesse sentido, sabendo que tudo de certa maneira se relaciona e cientes de que não é possível contar a história educacional de Cajazeiras sem voltar ao passado e buscar as origens dessa cidade, faremos um breve contexto histórico dos fatos e seus principais atores.

Desde os princípios houve pessoas que influenciaram nessa história. De acordo com Pires (1991, p. 49): “A família cajazeirense provém do sangue pernambucano e do sangue cearense, com uma ligeira dose de sangue francês”, mas e os negros e índios? Pesquisas de historiadores como Jacó (2005) e Sousa (2014) realizadas a partir de documentos registrados em cartório mostram que no século XIX era comum a compra e venda de escravos na região da Vila de Cajazeiras, até por que a dinâmica cultural e social do local se caracterizava como uma extensão da sociedade escravista do Brasil daquela época, quando ocorriam relações que pareciam ser pacíficas entre os senhores e os escravos, onde o escravo muitas vezes fingia-se de dócil e obediente para alcançar o seu maior objetivo: a liberdade, travando uma luta silenciosa, pois conquistando o carinho de seus donos poderiam alcançar seu sonho com maior facilidade (SOUSA, 2014).

Esses sujeitos foram, de certa maneira, silenciados e alguns autores contam essa história sem lembrar a existência dessas pessoas. Para Sharpe (1992, p. 40): “a história tem

sido encarada desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes”. Dessa maneira, ao falar de construções, por exemplo, esses autores se remetem apenas aos senhores como os únicos “heróis”, protagonistas dessa história, que levantaram sozinhos ou com a “ajuda” dos escravos, casa, igreja, escola, açude (como veremos mais adiante), ou ao falar do início da povoação, se referem apenas às famílias mais tradicionais que chegaram a essas terras e nelas produziram e construíram suas vidas, como se antes não houvesse mais ninguém ali, num discurso que exclui a participação dessas pessoas em uma história que muito foi construída por elas. Um exemplo disso são os “Albuquerque”, uma família tradicional que muito aparece nos escritos sobre o início da povoação da região de Cajazeiras e que, de acordo com Jacó (2005), também é um dos nomes que mais aparece nos registros de negociação de escravos, seja “comprando, herdando ou testemunhando o destino dos negros” (p.12), porém essas pessoas são silenciadas na história.

Voltaremos ao século XVIII, quando, de acordo com Leitão (2000), a povoação da região onde hoje se localiza a cidade de Cajazeiras teve início, mais especificamente em 23 de novembro de 1754. Nesta data Francisco Gomes de Brito ocupou as terras que adquiriu por sesmaria próximas à Lagoa de São Francisco, nos sertões do rio do Peixe, acompanhado de José Rodrigues da Fonseca, com quem explorou tais terras, concedidas pelo Governador da Capitania, Luís Antônio Lemos de Brito.

Não se sabe da permanência de José Rodrigues da Fonseca nessas localidades. Francisco Gomes de Brito se fixou, então, nessas terras, onde, mais tarde, foi fundada a fazenda de Vital de Sousa Rolim, que deu origem à Cajazeiras. Casou-se com Francisca Xavier de Luna que já tinha uma filha, Luísa Maria do Espírito Santo, fruto de seu primeiro casamento com Brás Rodrigues Carneiro. Esta, por sua vez, fora casada com Luís Gomes de Albuquerque a quem Luís Gomes de Brito se referiu em um documento público como “genro e enteado”, indicando forte amizade entre os dois, que juntos conquistaram e povoaram as terras cajazeirenses (LEITÃO, 2000).

Luís Gomes de Albuquerque, pernambucano, nascido por volta de 1746, obteve por sesmaria, em 1767, após casado, terras devolutas próximas à Lagoa de São Francisco. Sabemos que este foi um processo de conquista de terras, provavelmente, bastante conflituoso, porém não encontramos fontes que descrevam esses conflitos. De acordo com Sharpe (1992, p.43): “[...] quanto mais para trás vão os historiadores, buscando reconstruir a experiência das classes inferiores, mais restrita se torna a variedade de fontes a sua disposição”. Dessa maneira, pouco encontramos a respeito de pessoas mais comuns na região



de Cajazeiras no período aqui relatado, a maioria dos escritos trata, principalmente, dessas famílias mais tradicionais da época.

Essas terras, Luís e sua esposa cederam ao Alferes Francisco Gomes de Brito em 9 de setembro de 1796, de acordo com escritura, de quem receberam no mesmo dia parte de sua sesmaria e “um pedaço de terras de criar gados”. De acordo com Souza (1981, p.15), Luís Gomes de Albuquerque foi “um dos colonizadores da região do vale do Rio do Peixe, o qual veio a ser mais tarde, avô materno do Padre Inácio de Souza Rolim”. Ele adquiriu ainda outras propriedades, tendo sido um dos grandes proprietários de terras na região de Cajazeiras. Teve 12 filhos, entre eles, Ana Francisca de Albuquerque, a mãe Aninha, que, em 10 de fevereiro de 1795, às 9h, na casa dos pais no sítio catolé, casou-se com Vital de Sousa Rolim (LEITÃO, 2000).

Vital de Sousa Rolim, nascido em 1761, dedicou os primeiros anos de sua vida à agricultura. Ao casar-se com Ana Francisca de Albuquerque, mudou-se para o sítio Serrote, para a casa preferida de mãe aninha, por ficar próxima a de seus pais. Lá cuidou da agricultura que lhe rendeu verbas para, posteriormente, se fixar nas terras que recebeu dos sogros, juntamente com 2 escravos, Miguel e Isabel, como dote do casamento, o que só foi legitimado 20 anos mais tarde (LEITÃO, 2000). Pouco se sabe a respeito desses escravos, como afirma Sharpe (1992, p. 41) essa “existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem” como ocorre com Miguel e Isabel.

Nessas terras Vital construiu sua casa que deu origem ao povoamento da região. De acordo com Tavares (1997), com essa construção, aumentou-se o número de habitantes na região que, ou eram familiares de Vital, ou eram advindos principalmente do Ceará. À fazenda Vital deu o nome de Cajazeiras, devido à abundância dessa árvore no local<sup>2</sup>. Assim nos mostra Souza (1981, p.15):

A primeira casa de Cajazeiras (fazenda) foi construída no início do século XIX, no local onde é o atual ‘Cajazeiras Tênis Clube’. Pode-se dizer: ali nasceu Cajazeiras. A pedra fundamental de sua edificação fora a casa grande da fazenda, residência de Vital de Souza Rolim e Ana Francisca de Albuquerque, casal do qual se originou a grande família cajazeirense: Gomes Lins de Albuquerque – Souza Rolim Coelho Cartaxo – Bezerra de Melo.

Durante os 36 anos que viveu na localidade, Vital viu a vizinhança se desenvolver pelos seus filhos e parentes, a maioria dedicando-se a atividade agropastoril. Faleceu a 27 de

---

<sup>2</sup>De acordo com Rolim (2010) a casa foi demolida e, atualmente, é o Tênis Clube, construído no local em 1954, sob protestos de moradores. Entre 1970 e 1980 serviu de palco para muitos eventos sociais na cidade.

setembro de 1837. Posteriormente Mãe aninha, assim chamada pela sua prática de parteira, assumiu a orientação da sua numerosa família e faleceu em 22 de agosto de 1854, 17 anos após a morte de Vital. Do casal nasceram 10 filhos, entre eles Inácio de Sousa Rolim, nascido a 22 de agosto de 1800, no sítio Serrote, aquele quem, posteriormente, plantou a semente educacional na cidade de Cajazeiras, como veremos a seguir (LEITÃO, 2000).

### **1.1. A memória e as contribuições de figuras católicas na constituição da história oficial da educação de Cajazeiras.**

De acordo com Moreira (S/D, p. 1): “a história é filha da memória”. Portanto, através da memória construímos a história que conhecemos, inseridos numa coletividade que vivencia determinado contexto. ‘Se tratando da cidade de Cajazeiras, foco deste trabalho, podemos afirmar, ainda com embasamento em Moreira (S/D), que a memória que leva a construir a história da referida cidade é produzida por grupos sociais que definem aquilo que será lembrado e a forma como será lembrado de acordo com o que é considerado mais relevante para o grupo, aquilo que é mais enfatizado: as ligações entre educação e religiosidade. Nesse sentido, contaremos nos parágrafos seguintes a história de figuras importantes na memória cajazeirense e suas influências na educação, a começar por aquele considerado fundador da cidade e, especificamente, da educação na localidade.

Em 1816, Inácio de Sousa Rolim foi para a então Vila do Cuato, onde estudou Latim até 1821 e, em 1822, ingressou no Seminário de Olinda, retornando à sua terra no ano de 1829. Ao retornar, Padre Rolim construiu<sup>3</sup>, numa faixa de terra pertencente a Vital Rolim, um pequeno açude (que hoje é conhecido como “açude grande”) e uma casinha onde educava alguns poucos estudantes (LEITÃO, 2000). Assim, afirma Souza (1981, p.15):

Como núcleo social, político, econômico e religioso, Cajazeiras tem sua originalidade singular, dentre todas as cidades do Brasil, excetuando-se São Paulo, pois teve, como a metrópole paulista, seus alicerces firmados em um estabelecimento de ensino. “Nasceu ao beiral de um Colégio”.

Era a chamada Escolinha da Serraria. O nome é devido a sua localização. Naquele local serrava-se a madeira utilizada nas primeiras construções de casas, principalmente, para a

---

<sup>3</sup> Podemos notar na escrita da história oficial de Cajazeiras que, pela maneira como é exposto, algumas pessoas são silenciadas. Falando em um período de escravidão, sabemos que Padre Rolim não construiu esse açude sozinho.

povoação do local (CUNHA, 2000). Com o passar do tempo, a escolinha foi crescendo e aumentou-se a procura pelos ensinamentos daquele mestre.

É curioso, porém, verificar-se hoje, os níveis de conhecimento alcançados por alguns dos seus alunos que dali saíram preparados para novos e mais altos lances de sua formação intelectual, como é o caso do jovem souseense Benedito Marques da Silva Acauã, aluno da Faculdade de Direito de Olinda, mal saído daquela escolinha, a fonte de saber que o habilitou a ingressar no curso superior. Com ele também ingressou naquela escola de ensino superior outro dos alunos do Padre Rolim - Francisco Tavares Benevides -, posteriormente, Manuel de Sousa Rolim, este último irmão do Padre Rolim (LEITÃO, 2000, p.50).

Com o aumento da procura pela escolinha houve a necessidade de transferi-la para um prédio maior e mais adequado. Foi, então, transferida para um prédio próximo à capela que Mãe Aninha construiu com a ajuda<sup>4</sup> de escravos em 1836 e dedicou à Nossa Senhora da Piedade<sup>5</sup>, devido a uma imagem que, provavelmente, foi de seus pais e que ela venerava (GOMES & PEREIRA, 2004; PIRES, 1991). A seguir, a imagem que pertenceu aos avós maternos do Padre Rolim<sup>6</sup>:

**Figura 1** – Antiga Imagem de Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Rádio Alto Piranhas. **Imagem de Nossa Senhora da Piedade é exposta em evento da Diocese.** Disponível em: < <http://www.radioaltopiranhas.com.br/2014/09/imagem-de-nossa-senhora-da-piedade-e-exposta-em-evento-da-diocese/>>. Acesso em 17/04/2018.

<sup>4</sup> Mais uma vez podemos notar como essas pessoas são colocadas numa posição inferior. Sabemos que quem construiu de fato a igreja foram os próprios escravos. Apenas a ideia partiu de dona Ana de Albuquerque.

<sup>5</sup> Hoje em dia essa antiga capela é a Matriz Nossa Senhora de Fátima. De acordo com Rolim (2010), a estrutura passou por várias reformas, o que a fez perder o seu aspecto original. Lá está sepultado o fundador da cidade, Padre Rolim, embora não se saiba ao certo em que local da igreja.

<sup>6</sup> De acordo com PIRES (1991), ele próprio mandou restaurar a imagem que encontrou enquanto estudava as velhas imagens da Catedral. Hoje, é uma relíquia histórica da cidade de Cajazeiras.

De acordo com Souza “Igreja, Colégio e açude formaram as três colunas básicas, que serviram de tripé, sobre o qual se levantou e se firmou, como núcleo social, econômico, político, religioso e cultural, a nossa querida e progressista cidade de Cajazeiras” (SOUZA 1981, p.16). Essa proximidade facilitou ao Padre Rolim o exercício das atividades de professor e de capelão. À medida que aumentava-se a procura pela Escola de Cajazeiras, aumentava-se também a estrutura do prédio, que, em 1843 (passados 15 anos da criação da escolinha), foi transformado em Colégio de Instrução Secundária, com autorização do presidente da província. Geraldo Joffly, Neto de Irineu Joffly, aluno do colégio, descreveu parte da rotina do colégio no seguinte trecho:

As salas de aula serviam também de dormitórios para alguns alunos, pois havia apenas meia dúzia de pequenos quartos. Pela manhã, após o copo de leite ao pé da vaca, desarmavam-se as redes, puxava-se as bancas para o centro e, começavam as aulas. Em 1853 tinha 46 alunos (JOFFILY, 1965, p. 21-22 apud LEITÃO, 2000).

Pires (1991) também comenta sobre a rotina diária do colégio e algumas das atividades que o Padre Rolim lá realizava:

No colégio o despertar era às cinco horas [...] este [Padre Rolim] dormia no colégio, celebrava às cinco e meia e logo após [se] dirigia para o sítio [...] todos os alunos ouviam missa pela manhã. Depois tomavam café ou leite à vontade [...] Logo após o café começavam as aulas. O almoço era às nove horas, seguindo-se meia hora de recreio. Às nove e meia continuavam as aulas. Às duas horas em ponto era o jantar [...] Às sextas-feiras havia o *quilo*. Esta praxe do colégio do Padre Rolim é original e interessante. O *quilo* consistia numa palestra entre aquele sacerdote e os seus alunos [...] durava uma meia hora. O recreio da tarde ia até às três horas. Depois de oito horas da noite a sineta dava o sinal de silêncio rigoroso (PIRES, 1991, p.94-96).

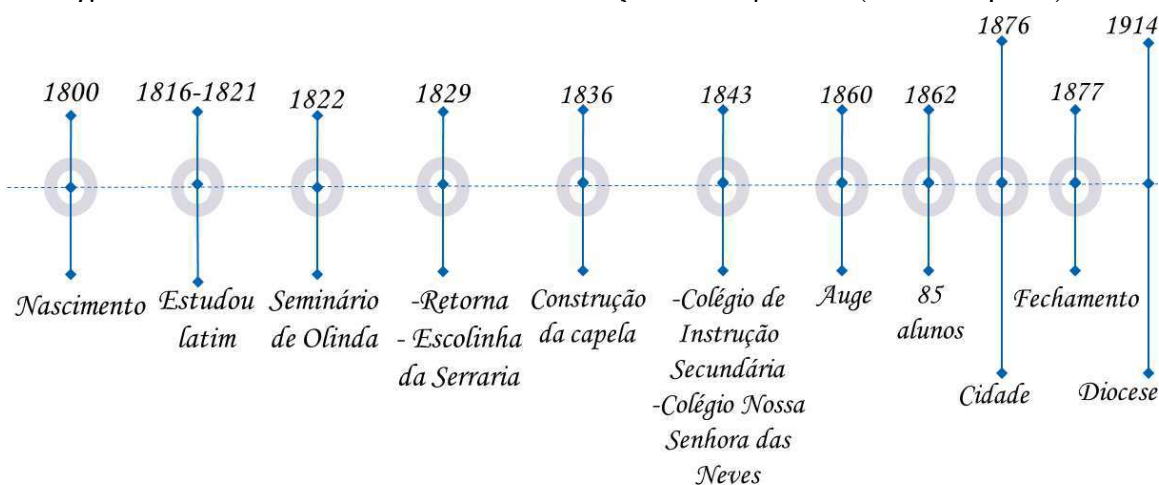
Padre Rolim se afastou em alguns períodos da região de Cajazeiras para exercer o magistério em outras localidades. Na sua ausência o Colégio era confiado aos seus sobrinhos, que o dirigiam. O colégio recebia alunos não só do interior da Paraíba, como também de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Para Jacó (2005, p.10) “certamente os beneficiados em frequentar a citada escola pertenciam às famílias tradicionais”.

De acordo com Rolim (2010), na década de 1860 o colégio chega ao auge, aumentando o ensino de Latim, Francês e geografia. Souza (1981, p.32) afirma ainda que o Padre Rolim “não se contentava só ao currículo das aulas, como também fazia pesquisas e produzia livros para uso escolar. Era autor de uma gramática de língua grega adotada por muitos estabelecimentos de ensino no país”. Em 1862 o colégio era frequentado por 85 alunos. “Foram seus alunos o Cardeal Arcoverde e o Padre Cícero Romão Batista” (SOUZA,

1981, p. 35). Com o passar dos anos, foi se desenvolvendo juntamente com Cajazeiras, que “em menos de cinquenta anos, passou de simples povoado à condição de paróquia, vila, sede de comarca e cidade” (LEITÃO, 2000, p.61).

Após 3 meses de funcionamento da Escola Cajazeiras surge o Colégio Nossa Senhora das Neves, uma escola particular para o sexo feminino, quando Padre Rolim, em meio ao atraso da civilização da época indiferente no que diz respeito à educação primária de meninas, não descuidou disso, encaminhando duas de suas sobrinhas ao magistério para, posteriormente, lecionar no colégio que funcionou concomitantemente ao Colégio de Cajazeiras (como anexo no mesmo prédio) até o seu fechamento em 1877, quando Padre Rolim se viu obrigado a encerrar suas atividades devido a uma grande seca, um ano após Cajazeiras ter se tornado cidade (10 de julho de 1876). Posteriormente tentou restaurá-lo, reunindo lá alguns poucos alunos já em seus últimos anos de vida, quando saía batendo de porta em porta, aconselhando que os pais levassem seus filhos à escola (LEITÃO, 2000). A seguir, podemos observar em resumo, toda essa evolução:

**Figura 2** – Inácio de Sousa Rolim e a educação em Cajazeiras (linha temporal)



Anos mais tarde o colégio foi restaurado e entregue à diocese de Cajazeiras, que teve como 1º bispo Dom Moisés Coelho, neto pelo lado materno de José Vieira da Silva e Maria Fortunata da Anunciação, família portuguesa que tiveram entre seus filhos: Maria Lourenço da Circuncisão Vieira, mãe de Dom Moisés. Já pelo lado paterno, é neto de Maria Florência das Virgens e Tenente de Sousa Coelho (irmão do Padre Rolim), família originária do Ceará, que tiveram entre seus filhos Raimundo Sizenando Coelho, pai de Dom Moisés. Sendo assim, foi sobrinho neto do Padre Rolim, fundador do colégio que veio a reger (TAVARES, 1997).

Moisés Sizenando Coelho entrou para o seminário em 1894; foi capelão das Irmãs Dorotéias e Vice-diretor do Colégio Santo Antônio em Natal (1902-1904); diretor do colégio

Diocesano Pio X (1907); 1º bispo de Cajazeiras (1914); entre outras funções (TAVARES, 1907). Em 1914, ano em que se tornou bispo da diocese de Cajazeiras, também já se pensava na criação de uma Escola Normal (CUNHA, 2000). Para Leitão (1999) apud Rolim (2010), a implantação da diocese de Cajazeiras favoreceu bastante o progresso da cidade.

Em 1915 Dom Moisés recebeu o Colégio Padre Rolim que esteve parado em função de uma grande seca. No dia 4 de novembro de 1916 começou a transitar na assembleia legislativa um projeto de lei para equiparar o Colégio à Escola Normal oficial do estado. Mas o bispo não parou por aí e continuou sua luta em favor do setor educacional da cidade, buscando melhores condições de funcionamento para a escola Normal, o que se concretizou em 1918 (CUNHA, 2000).

A direção da Escola Normal foi, então, entregue ao Monsenhor Constantino Vieira da Costa (que já era diretor do Colégio Padre Rolim). Tinha-se entre os professores, diversos sacerdotes, além do Doutor Cristiano Cartaxo (farmacêutico e poeta) e Hildebrando Leal que veio a casar-se com Odília Formiga Leal e tornaram-se também, os dois, grandes educadores na cidade (CUNHA, 2000). De acordo com Souza (1981, p.58) “A principal função do professor Hildebrando Leal em nossa cidade era a de mestre. Educando. Ensinando. Desenvolvendo a cultura da cidade que ensinou a Paraíba a ler”.

Dessa forma, em Cajazeiras, onde permaneceu até 1932, muitos foram os melhoramentos introduzidos por Dom Moisés, não só na catedral como também no colégio Padre Rolim. Souza (1981, p.66) afirma que:

A instalação da diocese e posse do seu primeiro bispo, um sobrinho do Padre Rolim e bisneto de Mãe Aninha [...] criaram condições de um novo surto de desenvolvimento [...] Abriram-se colégios [...] o Comercial e o Estadual [...] numerosas escolas primárias nos subúrbios.

Além disso, Dom Moisés “Restaurou o Colégio Diocesano Padre Rolim. Criou e instalou a Escola Normal, cuja direção entregou às Irmãs de Santa Dorotéia” (SOUZA, 1981, p. 110). Em 1959, aos 82 anos, faleceu na capital devido ao agravamento dos sintomas de arteriosclerose (CUNHA, 2000; TAVARES, 1997). O segundo bispo, Dom João da Mata, também teve suas influências no setor educacional na região de Cajazeiras, ao reconstruir o Diocesano Padre Rolim, deixando-o com dois pavimentos e entregando a sua direção aos padres salesianos. Também reconstruiu o CNSL, deixando-o com dois pavimentos. O terceiro bispo, Dom Henrique Gelaim, criou e instalou a congregação das Irmãs Missionárias Carmelitas, sendo sua sede na cidade: o Monte Carmelo, que também é uma instituição educacional (SOUZA, 1981). No capítulo seguinte veremos contribuições destas e de outras

instituições educacionais ligadas à igreja católica, bem como de pessoas e ordens religiosas que ministraram esses locais, através das quais podemos ver também a atuação feminina na educação de Cajazeiras, visto que essas escolas, em sua maioria, são ministradas por mulheres e, além disso, a Escola Normal tinha como principal público as mulheres.

## **CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE AS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS CATÓLICAS: O LUGAR OCUPADO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE CAJAZEIRAS**

Como pudemos observar no capítulo anterior, Cajazeiras se desenvolveu em volta de uma igreja e uma escola e “é agora uma das cidades mais cultas e prósperas do interior nordestino” (SOUZA, 1981, p.35). Neste tópico iremos verificar como se deu o desenvolvimento do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (CNSL), que ocupa o prédio onde funcionava o Colégio Padre Rolim. Além desta, também estudaremos outras instituições educacionais que tiveram classes religiosas a frente de sua gestão, como o Diocesano Padre Rolim e o Monte Carmelo.

O bispo Dom Moisés Coelho fundou a Escola Normal equiparada à oficial do estado, que teve sua primeira turma formada em 1922. A abertura no ensino para as mulheres possibilitou também novos caminhos para sua atuação profissional. As representações da figura feminina estavam condicionadas em geral as mulheres que se casavam e estavam de certa forma mais presas aos anseios e vontades do marido.

As mulheres tidas como celibatárias, ou que não chegaram a se casar, trabalhavam fora. Este processo foi traduzido na posterior desvalorização do profissional docente, já que o magistério se tornara ambiente da atuação feminina, o que era também contraditório, visto que no início a docência era uma função realizada "sumariamente" por homens (NUNES & MACHADO, 2013). Esse discurso conferia à mulher características inerentes ao papel de educadora e, conseqüentemente, naturalizava a profissão como própria para as atribuições femininas, o que acabaria justificando socialmente a desvalorização desse profissional, já que esta era uma função para a mulher que não poderia atender outros papéis sociais, visto que não possuía características para tal. Em outros termos, seria a profissão docente uma forma de realização pessoal que lhes fora negada durante muitos anos, pois, seu papel social era bem limitado e restrito, suas funções se limitavam a ser mãe e a cumprir as atribuições do lar.

A construção do magistério se pautava na construção social de um espaço público que se aproximava ao espaço privado de sua atuação como mãe, desse modo, ela estaria sendo incluída em uma esfera pública como já reivindicavam, mas sem afetar a atuação primordial masculina neste espaço.

A ideia de vocação está associada ao entendimento de sacerdócio devido pela mulher a sua atuação como professora, segundo uma grande influência religiosa, ideológica e social, pois, se a mulher estava atuando naquele espaço, que tinha por características muito próximas as que esta já



desenvolvia na sua função “natural” de “mãe” ou educadora do lar como denominados anteriormente, deveria dedicar-se integralmente e não deveria receber altos salários para tal. A desvalorização do magistério era decorrente da naturalização a qual a sociedade impunha ao ofício de educar, como um sacerdócio, vocação, e não uma profissão de fato (COSTA, 2011, p.04).

Esse processo de feminização do magistério, marcado pela atuação das mulheres em espaços públicos, era praticamente inexistente ou não aceitável ainda pela cultura vivenciada durante o século XIX, daí o magistério primário a se constituir um espaço aberto na sociedade, para a atuação feminina. Porém, não podemos deixar de mencionar que tal processo se dava sob várias polêmicas, críticas e resistências.

Uma primeira representação estabelecida em meados do século XIX foi a configuração de professora rígida, disciplinadora, a solteirona que não tinha podido ser mãe por não ter se casado. Os cursos normais eram vistos nesse período como cursos “espera marido”, pois estas professoras nem sempre chegavam a atuar como tal, ficando ali somente enquanto não conseguiam um casamento. Em outra representação, forjada nos anos de 1930 e 1940, a professora era vista como afetuosa, configurando-se enfim como “educadora”. Já no final de 1960 e 1970, a professora era representada socialmente como a profissional do ensino, sob o discurso tecnicista que primava pelo conhecimento técnico e o controle no processo de ensino-aprendizagem, acentuando a discussão sobre o profissionalismo para a docência (COSTA, 2011, p.09).

O discurso que se firmava na sociedade, favoreceu a diminuição cada vez maior, da atuação masculina no magistério, reforçando dessa forma, a ideologia que se propagava em torno da profissão de professor e professora, utilizando-se da atuação em grande maioria das mulheres para reforçar um desprestígio social da profissão.

Em Cajazeiras, a Escola Normal que recebia principalmente esse público feminino, foi confiada ao ensino das Irmãs Dorotéias<sup>7</sup>, a quem Dom Moisés vinha tentando entregar desde 1924, o que só se concretizou em 1928 após diversas visitas feitas por uma comissão, que observou cada detalhe do colégio que pudesse ser interessante para compor um relatório enviado à madre provincial. Ao receberem uma aprovação vinda de Roma e assumirem o colégio, as Dorotéias, por sua vez, alteraram o nome para Colégio Nossa Senhora de Lourdes (CNSL), considerado um nome mais adequado a uma organização dirigida por religiosas. (SOUSA & MORAIS, 2017).

Ao assumirem a direção, tendo como diretora a Irmã Andrade, percebeu-se a importância que teve a escrita na cultura escolar do colégio ministrado por essa congregação

---

<sup>7</sup> Tal congregação religiosa, advinda da Itália, veio ao Brasil quando Paula Fransinetti, criadora do projeto que deu origem às Dorotéias, aceitou o convite do bispo de Pernambuco para ajudá-lo na evangelização de sua diocese.

religiosa, visto que implementaram uma prova escrita para admissão no mesmo. De acordo com Sousa e Morais (2017, p.705):

A prática docente, bem como a construção da cultura escolar do Colégio, aconteceu segundo princípios básicos para a formação de valores, preconizados pela Congregação das Doroteias, dentre os quais se destacam a ordem, o bom comportamento, a polidez, a fé, a obediência, a simplicidade.

Assim, observamos que elas seguiam preceitos religiosos e conformadores para a educação no colégio, mas de acordo com Sousa e Morais (2017) também possuíam aparates metodológicos, pedagógicos e lúdicos, pois vez ou outra trabalhavam com brincadeiras em meio ao ensino.

Em 1990, assume a direção do CNSL outra ordem religiosa: As irmãs Escolares de Nossa Senhora (IENS). Essa classe de religiosas chegou ao Brasil em 1935, antes da II Guerra Mundial, período Nazista<sup>8</sup>, quando, na Alemanha, o ensino foi proibido (GOMES & PEREIRA, 2004). Elas vieram atendo ao chamado do Padre Paul Linnartz que desejava cuidar da educação de crianças e jovens da região de Forquilha-SC. Têm sua origem na Alemanha, onde tiveram sua congregação criada com o objetivo de fornecer educação para meninas pobres, mas com a expansão para outros lugares do mundo, acabou não se restringindo apenas às meninas (PLÁCIDO, 2015). Foi fundada, mais especificamente, “em 24 de outubro de 1833, em Neunburg vorm Wald, Baviera – Alemanha, por Maria Teresa de Jesus Gerhardinger”, de acordo com informações dispostas no site do CNSL.

Ao chegarem no Brasil, assumiram a educação de um grupo de imigrantes alemães, lecionando a língua alemã, literatura, educação física e outras disciplinas como História do Brasil e Geografia que eram ministradas pelo professor Adolfo Back que trabalhava junto a elas na instituição e assumiu as disciplinas, pois somente brasileiros poderiam dar aulas destas naquela época. (PLÁCIDO, 2015). Essa era uma medida de nacionalização do ensino no país implantada na década de 1930 pelo governo Getúlio Vargas que proibia o uso da língua estrangeira, principalmente nos núcleos coloniais de imigrantes, visando a criação de uma

---

<sup>8</sup> Período em que foi implantado o partido “Nazi” na Alemanha (Nacional Socialismo), após a primeira guerra mundial que gerou uma crise econômica no país que, tendo sido considerada responsável pela guerra, teve que pagar altas indenizações aos vencedores através do Tratado de Versalhes que preparou o terreno para o surgimento de um novo conflito. Nesse contexto, o Nazismo surge como uma forma de fascismo, porém mais autoritário. “Seu manifesto pregava a união de todos os povos de língua germânica em um único país [...] Essa ‘Grande Alemanha’, porém, não era para todos. Os nazistas acreditavam que dentre os grupos étnicos que participaram da formação do povo alemão, os arianos eram os mais importantes; por isso deveriam comandar todos os outros. Essa teoria levou os nazistas a discriminar outros povos, como os judeus (antisemitismo), os ciganos e os eslavos” (LUDWIG, WOLSCHICK & SOARES, 2001, p. 9-10)

identidade nacional. Mesmo diante desta medida, as irmãs continuavam a lecionar em alemão, até que em 1939 receberam a visita de inspetores que exigiram que a lei fosse cumprida.

Desde a sua chegada ao Brasil, as irmãs desenvolveram bastante não só o trabalho com a educação como também a própria congregação. Assim, necessitavam de um espaço próprio para atender a comunidade de Forquilha. Portanto, em 1939 foi lançada a pedra fundamental do seu primeiro convento no Brasil e em 1940 foi finalizada a construção da casa que passou por duas ampliações. Mais tarde fundaram o Curso Normal Regional e em 1950 foi construído um prédio para uma escola. Três anos depois construíram uma capela maior. Com o passar do tempo o atendimento educacional foi se ampliando, assim como a estrutura do colégio que, atualmente, é denominado Colégio Sagrada Família. Plácido (2015) traz as contribuições dessa congregação ao longo dos anos em Forquilha/SC:

- 1964: Fundaram o Grupo Escolar Frei Baltazar;
- 1966 implantaram o Pré-primário na escola;
- 1966 implantaram o 2º grau e a escola passou a ser Colégio Dom Hostin;
- 1998 a escola passa a se chamar Colégio Sagrada Família;

Mas as IENS não permaneceram apenas em Forquilha. Plácido (2015) também aponta suas contribuições em outras localidades:

- 1970: Fundaram o Instituto Nossa Senhora de Fátima e assumiram a direção da Escola Censista Hilário Ribeiro (Terra de Areia, Rio Grande do Sul, onde também coordenaram catequese, liturgia e grupo de jovens);

-1970: Criaram o Instituto Sant'Ana [Sanga do Engenho, Distrito de Criciúma, Santa Catarina, onde também “assumiram a escola, a pastoral da igreja as celebrações dominicais e auxiliavam os doentes, pois à época não havia atendimento de saúde na comunidade” (p.62-63)];

-1971: Fundaram o Instituto Santa Izabel [São Bento Baixo, Distrito de Nova Veneza, Santa Catarina, onde também “assumiram a direção e secretaria da escola pública, bem como auxiliavam a liturgia, a catequese e o grupo de jovens da paróquia local” (p. 63)];

-1971-1985: Assumiram o Grupo Escolar Professora Julieta Torres Gonçalves por 14 anos (São Bento Baixo, Nova Veneza/SC)

Como pudemos observar, elas eram muito solicitadas em outras comunidades onde também iam lecionar, pois eram referência no setor educacional. Este foi o caso de Cajazeiras, onde assumiram o CNSL em 1990. Ao assumirem o Colégio, foi desaparecendo o vínculo entre o Colégio Padre Rolim e o Curso Normal. Essa nova direção, por ser de uma época que vivenciou grandes progressos tecnológicos (rádio, tv, internet, telefone sem fio, etc), é mais

aberta e comunicativa que a anterior (CUNHA, 2000). A seguir, podemos observar a estrutura do colégio atualmente (em frente, a praça “Mãe Aninha”, onde observamos uma estátua do Padre Rolim):

**Figura 3** – Colégio Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: PBtur. Disponível em: < <https://www.pbtur.com.br/cidade/cajazeiras>>. Acesso em 23/07/ 2018.

Além do CNSL, outra importante instituição educacional na cidade de Cajazeiras foi o Colégio Diocesano Padre Rolim. De acordo com Rolim (2010) a estrutura física do colégio foi construída no local onde foi uma das casas de caridade do Padre Ibiapina. Sobre essa antiga casa de caridade, Nascimento (2009, p. 32) afirma:

Da Casa de Cajazeiras, relata-se que foi construída nas terras cedidas pelo Padre Rolim e que “duas irmãs donzellas da família Rolim, sendo uma della Professora pública da Villa, tomarão o hábito de freiras para tomarem a direção da Casa de Caridade” (Atribuído à AURÉLIO, apud HOORNAERT, 1981, p.65). A Irmã Vitoria assumiu o cargo de Superiora e a outra, o posto de mestra desta instituição. Também se consagrando Beata e assumindo o lugar de Vice-Superiora encontrava-se D. Ana, filha do tenente Sabino, rico proprietário local, e prometida em casamento “a um moço illustre, tanto na educação como de merecimentos sociais pelos bens da fortuna”. D. Ana deixava “todos os commodos e carícias de seus pais e de outras justas pretensões que tinha, para tomar o hábito de N.Senhora do Carmo e consagrar-se aos serviços da Santa Casa” (HOORNAERT, 1981, p.75 apud NASCIMENTO, 2009, p.32).

Essas casas eram destinadas a meninas e mulheres pobres do nordeste brasileiro. De acordo com Nascimento (2009), as casas tinham o objetivo de educar nas regras do Bom-Viver. Em 1934 começou a ser construído no local o Colégio Diocesano Padre Rolim, inicialmente com dois pisos. Mais tarde, em 1940, foi construída a Capela Nossa Senhora Auxiliadora pelos padres salesianos que ministraram o colégio até 1960. Hoje em dia

funciona no prédio do colégio já extinto a Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Artes de Cajazeiras – FAFIC (como vemos na imagem a seguir), que é administrada pela diocese.

**Figura 4** – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras



Fonte: EducaBrasil. Disponível em:  
<[https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/fafic\\_cajazeiras](https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/fafic_cajazeiras)>. Acesso em 23/07/2018.

Atualmente, tanto a estrutura do CNSL como do Colégio Diocesano são considerados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artística da Paraíba - IPHAEP e pelo decreto nº 25.140 de 28 de junho de 2004 de grande valor para a história e memória da cidade de Cajazeiras (ROLIM, 2010).

Para além dessa história relatada até aqui, existiram ainda outras instituições educacionais católicas na cidade de Cajazeiras, como é o caso da Escola Profissional Monte Carmelo. A instituição, fundada em 1938, oferecia serviços de instrução aos jovens cajazeirenses desde o seu início. Esses serviços eram basicamente de alfabetização e atividades manuais como corte e costura e outras atividades domésticas. Devido a dificuldades financeiras, a instituição era obrigada a funcionar de forma particular, com a colaboração de pais e da comunidade. O prédio (que observamos a seguir) que hoje abriga tanto a Congregação das Irmãs Missionárias Carmelitas<sup>9</sup> como a escola existe desde 1960. Em 1982 foi feito um convênio entre o governo do estado e a escola, que passou a oferecer o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano (ROLIM, 2010).

---

<sup>9</sup> A congregação das Irmãs Carmelitas foi criada em 1938 na Basílica do Carmo em Recife-PE por Frei José Maria Casonova Magret.

**Figura 5** – Escola Profissional Monte Carmelo

Fonte: Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/EscolaMonteCarmelo/>>. Acesso em 23/07/2018.

Por fim, mas não menos importante, outra instituição educacional católica da qual podemos falar é o Colégio Nossa Senhora do Carmo (CNSC), fundado em 1943 pela professora Carmelita Gonçalves, que lecionava língua portuguesa e exerce a função de diretora da instituição. Natural de Cajazeiras, Carmelita sonhava fazer parte da Ordem dos Carmelitas Descalços, porém, após a morte de seu pai, teve que permanecer na região ajudando a cuidar dos irmãos. Estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, tendo concluído o Curso Normal em 1943, fundando no mesmo ano a sua escola que se torna colégio em 1986. A seguir, a estrutura atual do colégio:

**Figura 6** – Colégio Nossa Senhora do Carmo

Fonte: Diário do Sertão. Disponível em: <<http://www.diariodosertao.com.br/noticias/educacao/158717/video-colegio-carmelita-inicia-matriculas-para-calouros-e-prepara-dois-grandes-eventos.html>>. Acesso em 23/07/2018.

Portanto, desde a década de 40 até os dias atuais, numa época em que vinham surgindo teorias que propunham mudanças no setor educacional, como a educação libertadora de Paulo Freire, Carmelita Gonçalves vem desenvolvendo um trabalho educacional na cidade de Cajazeiras que, de acordo com Sousa (2010), apesar de utilizar dos modos mais tradicionais de ensino, vem sendo reconhecida pelos alunos que por ela passaram. No trecho abaixo, pode-se observar um pouco de sua prática:

Ela preza tanto a disciplina que desde o início de sua prática docente e, como mestra regente do Colégio Nossa Senhora do Carmo, é comum interromper a aula de outro professor, sempre que presencia(va) momentos de indisciplina, visando fazer com que suas lições cheguem até os corações e as mentes do seu alunado (SOUSA, 2010, p. 219).

De acordo com a referida autora, os ex alunos de Carmelita atribuem o seu sucesso justamente à essa rigidez e ao método de ensino da professora, que tem como marca uma forte imposição de limites. É importante lembrar que tanto esse modelo tradicional, como os novos modelos que vêm surgindo, são importantes no processo educativo, cada um possui suas contribuições. No capítulo seguinte, veremos as análises de entrevistas realizadas com duas professoras onde observamos claramente modelos educativos diferenciados, mas que cada uma, dentro de suas formas de educar, contribuiu para a formação humana, social, ética e cognitiva de seus alunos.

### **CAPÍTULO III - RECONSTRUINDO A HISTÓRIA EDUCACIONAL DE CAJAZEIRAS: AS CONTRIBUIÇÕES DE PROFESSORAS E O SEU LUGAR SOCIAL**

Neste capítulo faremos uma análise das falas das professoras entrevistadas, a partir da qual temos a pretensão de reconstruir a história da educação de Cajazeiras, buscando verificar outros olhares acerca dessa história e o papel social que essas pessoas têm ocupado em sua trajetória profissional.

Falar das representações sociais e da atuação da figura das mulheres no magistério docente é sempre algo complexo, pois, a construção do papel de ser e tornar-se professora passa por lugar e espaços que muitas vezes são conformados pela sociedade ao longo da história, e na sua maioria por conflitos que são silenciados, em virtude de como a mulher vem a participar do mercado de trabalho (NUNES, 2006).

Isso nos leva a pensar as mudanças e as permanências na configuração do campo do magistério, para podermos desconfiar do que é posto como natural pela sociedade. Ou seja, nos oportuniza buscar a história dos personagens que não aparecem nas páginas das histórias contadas e no registro da história oficial.

Essa é a nossa maior proposição, procurar dar espaço as falas das professoras, enfatizando seus papéis e atuação na História da Educação de Cajazeiras – PB. Isso quer dizer que, a partir das memórias dessas professoras, traremos indícios para reconstruir a história da educação de Cajazeiras, sob outra perspectiva, buscando verificar outros olhares acerca dessa história e o papel social que essas pessoas têm ocupado em sua trajetória profissional (BURKE, 2005).

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar as tensões e conflitos que permeavam a atuação da mulher enquanto professora. Sabemos que historicamente, a figura feminina se apresentava de forma caricaturada como a mãe que cuidava dos seus filhos e de seu marido e sem a presença desta no ambiente familiar haveria uma total desorganização do lar. A sociedade procurava negar essa abertura social, que se manifestava das mais diversas formas, desde a desordem familiar, da falta da capacidade intelectual até a dimensão sacralizada na qual se via a mulher através da maternidade (NUNES, 2006).

Portanto, realizamos esta pesquisa, para pensar não somente o desprestígio social da profissão, mas, sobretudo, suas associações nas intencionalidades em retirar ou não permitir o aparecimento do papel e das contribuições dessas professoras na construção da história educacional de Cajazeiras- PB.



Nessa perspectiva, é importante lembrar que esta pesquisa depende da memória das professoras entrevistadas e esta é passível de falhas. De acordo com Palhari (2013), a memória é construída por lembranças que nem sempre são imagens iguais às vivenciadas antigamente, mas são produzidas a partir de elementos presentes no tempo do agora que nos fazem reexperimentar uma vivência anterior, porém, não da mesma maneira, pois alguns elementos podem ser mantidos na memória, enquanto outros podem ser descartados. Por esse motivo é necessário reinterpretar as informações obtidas a partir de fontes orais, considerando a influência do que é antigo no tempo presente, no intuito de (re) construir a história educacional de Cajazeiras, sem a pretensão de escrever uma história biográfica das professoras, mas utilizando-se de suas falas a respeito de suas trajetórias profissionais para (re) escrever a educação cajazeirense com uma nova visão.

Foram, portanto, realizadas entrevistas semiestruturadas com duas professoras da região cajazeirense. Elas serão chamadas neste trabalho por nomes fictícios, devido a questões éticas. A professora “Jasmim” possui 49 anos de idade, é graduada em Letras com especialização em Língua Portuguesa e Literatura. Atua na profissão docente há mais de 20 anos e há 15 anos é professora de uma instituição confessional particular. Também atua no ensino público. A professora “Margarida” possui 78 anos, tem graduação em Geografia com especialização em Estudos Sociais, atuou na profissão durante 33 anos e 6 meses e foi professora de uma instituição confessional particular durante 20 anos. Também atuou no ensino público. Atualmente encontra-se aposentada.

Ambas as professoras tiveram forte influência na região de Cajazeiras ao longo do tempo em que desenvolveram o seu trabalho. Na fala da professora Margarida, podemos observar o quão o seu trabalho como professora foi importante na vida de muitas pessoas que a tem em suas memórias:

*Olha, eu acho que aqui em Cajazeiras eu... modéstia parte, eu tive uma influencia muito forte onde eu ensinei, com os meus ex alunos. Por que ainda hoje eu recebo, né, abraços, cumprimentos, reminiscências deles... porque eu, além de educadora, fui formadora também. A maioria desses alunos nessa faixa de... de 45, 50 anos foram meus alunos e eu recebo muito reconhecimento da parte deles (Margarida).*

Da mesma maneira, a professora Jasmim também deixou marcas nas vidas de seus alunos:

*[...] essa semana eu recebi o relato de outra professora que encontrou um aluno no ensino médio. E aí esse aluno, com a letra bem bonita, dizendo que gostava muito de português. E ela foi e... fez esse comentário, professora de química, ela é professora de química e fez esse comentário pro aluno, ‘eu penso que você gosta muito de português’. Aí ele foi e disse ‘gosto e eu devo*

*tudo isso a uma professora que eu tive no quinto ano no Colégio [...], aí foi citar... 'quem era essa professora?'... 'Jasmim'... quer dizer, aí você fica assim, meu Deus, como você, de alguma forma, marca a vida do aluno (Jasmim).*

No subtópico seguinte, analisamos por meio de categorias como essas professoras desenvolvem a educação em sua prática e as influências da religiosidade, historicamente atribuída a esse eixo na cidade.

### **3.1. As contradições e silêncios de uma formação docente:** os saberes adquiridos e a influência do catolicismo

Neste ponto optamos por subdividi-lo em categorias de acordo com a fala das professoras. Assim, para responder aos objetivos de nossa pesquisa, discutiremos a seguir 4 categorias, sendo elas: Religião como formadora do ser e disseminadora de valores; Religião e Educação no empoderamento feminino; Ética e ensino e Contribuições para o ensino público. Cada categoria abarca conteúdos da entrevista que consideramos importantes para alcançar aquilo que o nosso estudo pretende: dar lugar a voz dessas professoras, entender o papel que tiveram na formação de Cajazeiras e desconstruir a história dessa cidade a partir de suas falas.

#### **Religião como formadora do ser e disseminadora de valores**

Ambas as professoras, em suas falas, concordam em relação à importância da religiosidade na formação. Como podemos ver a seguir, para elas, o catolicismo vem como uma forma de construir uma conduta mais humana no aluno, de forma a compreender não só o conteúdo científico que deve ser estudado, não só a parte cognitiva, mas também uma formação para a vida, para a convivência humana:

*[...] outra coisa também que eu defendo é que nós não somos obrigados a sermos bons em tudo. Nós não temos a capacidade de ser bom em tudo o que se faz... temos que ser nerds... Se eu não tenho a capacidade tão grande, extrema, de aprender matemática, né, de desenvolver cálculos, mas aí talvez eu tenha uma outra habilidade a se desenvolver. Então eu penso que é por aí (Jasmim).*

*[...] Eu sou católica, de nascença, amo minha religião. Então eu me sinto muito feliz, muito a vontade. Concordo com o que é colocado na escola, a forma como Deus é evidenciado, os princípios. Porque não tem como você formar... A nossa escola tem uma linha de pensamento, que não é o ter, é o ser. E nós tentamos fazer que os nossos alunos não tenham só a cognição do português, da matemática, enfim, das áreas afins, mas fazer com que aquele aluno acredite que existe um ser superior que é Deus e que nós*

*precisamos tentar ser seres melhores sempre. Então esses valores que são ensinados na escola, na verdade, eles são fundamentais pra conduta de qualquer ser humano (Jasmim).*

Para Libâneo (2002), é preciso que o olhar do professor não fique apenas na parte cognitiva da aprendizagem, mas, como demonstra a professora Jasmim na sua fala, que esse olhar perpetue para além disso, que alcance o social e o afetivo do aluno, pois como se sabe, os alunos como pessoas, têm subjetividade: cada um pensa de forma diferenciada, cada um vem de culturas diferentes e é preciso entender isso e, assim, passar a ter uma relação de alteridade com os alunos, entendendo como os mesmos vêm o mundo a partir de suas culturas e que, dessa maneira, cada um será mais habilidoso em alguma matéria e menos habilidoso em outra.

Além dessa preocupação com a dimensão do conhecimento em si, que a professora Jasmim compreende a sua dimensão sociocultural, ela também visa uma formação humana a partir da religiosidade. A professora Margarida recorda o tempo em que foi aluna do CNSL na gestão das irmãs Dorotéias e concorda com a professora Jasmim nessa questão:

*Nós tínhamos uma educação muito aprimorada, por que as irmãs, elas tinham como objetivo a formação. Não era... não era só a pessoa aprender, não era só que você tinha o conteúdo, matéria. Elas visavam muito a formação pessoal de cada aluno (Margarida).*

De acordo com Sousa e Morais (2017, p. 705), a Congregação das Dorotéias preconizava muito por essa formação e tinha entre os seus princípios básicos valores conservadores como “a ordem, o bom comportamento, a polidez, a fé, a obediência, a simplicidade”. Em outra fala, Margarida demonstra as influências em sua vida dessa educação que recebeu das Irmãs Dorotéias:

*Hoje eu sigo ainda quase as mesmas instruções que elas deram. Às vezes a gente quer fazer alguma coisa, mas a gente lembra que não foi aquela formação que a gente recebeu (Margarida).*

De acordo com Nunes, Silva & Machado (2017), uma peculiaridade das Escolas Normais está relacionada à influência da igreja católica, visto que muitas dessas escolas são confessionais, como é o caso do CNSL pelo qual passou a nossa professora Margarida. Essa influência, de acordo com os autores, traz uma concepção de docência que enfoca em elementos como: “solidariedade, assistencialismo, religiosidade e disciplinamento [...] tanto na formação quanto na atuação” (p.405). A professora demonstra essa influência na sua prática profissional:

*Eu era até, meio... rigorosa. Eu era conhecida no colégio, né, a nazista. Porque eu não abria. Aluno tinha que entrar na hora certa, tinha que sair na hora certa, tinha que fazer o dever, tinha que fazer a prova. Eu não abria muito não. A gente tinha que obedecer a disciplina (Margarida).*

Para Cunha (2013), a profissão docente se faz justamente dentro de uma instituição cultural e humana, cheia de valores e expectativas de uma sociedade e tempo histórico. Com isso, podemos notar o quanto as instituições educacionais reproduzem e impregnam determinados valores, principalmente quando são confessionais. De acordo com Sousa (2018), o CNSL, na direção das Irmãs da Congregação de Santa Dorotéia teve justamente essa perspectiva de, não só transmitir conhecimentos, mas preocupar-se com a formação social a partir da religiosidade.

Na fala da professora Margarida, podemos ver a forte influência que essa formação teve em sua vida pessoal e profissional, levando a educação que recebeu das irmãs também para os seus alunos, principalmente em relação ao rigor, à obediência, como ela mesma fala. Com a professora Jasmim essa disseminação de valores não é diferente, até porquê, ainda que não tenha afirmado se passou ou não por uma instituição desse tipo em sua fase escolar, mas ao afirmar o seguinte: “[...] *Eu sou católica, de nascença, amo minha religião. Então eu me sinto muito feliz, muito a vontade. Concordo com o que é colocado na escola, a forma como Deus é evidenciado, os princípios*” deixou claro que teve uma educação religiosa desde o seu nascimento e repassa tais valores para os seus alunos. Para Cunha (2013), esse é um processo de subjetivação docente que historicamente atribui às professoras esse dever moral.

### **Religião e Educação no empoderamento feminino**

Contrária à professora Margarida, a professora Jasmim traz outra perspectiva de educação, ao dizer:

*[...] a nossa mentora é alguém que sempre tá nos ensinando isso: olhar o aluno como um terreno que é preciso adubar, é preciso cuidar, é preciso ver o que tá faltando (Jasmim).*

Ela traz em sua fala condutas que historicamente foram naturalizadas como sendo características femininas. Aqui podemos fazer uma análise em relação à atuação da mulher na profissão docente. Essa foi uma das primeiras profissões a se abrir para a mulher na sociedade, justamente devido a essas condutas. Porém, a professora Margarida, mais antiga na profissão, vem com outro olhar, ela já traz a perspectiva do rigor. Nesse sentido, podemos observar que nem sempre a profissão docente é algo para alguém que tenha o dom de cuidar.

Louro afirma que (1997, p.450), “Para tanto, seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, entrega e doação. A ele ocorreriam aquelas que tivessem vocação”. De acordo com Sousa (2018), era justamente essa a visão que se tinha da mulher na década de 30 em Cajazeiras, ao relacionar a conduta feminina à educação e ao catolicismo: “mãe e educadora, por vocação. A educação a esta era confiada por Deus” (p.38). Nas falas das professoras, podemos ver que nem todas tinham essa vocação para o amor, o cuidado, como a professora Jasmim. Algumas eram mais rígidas, mais rigorosas, como a professora Margarida. São características diferentes, em tempos históricos diferentes, já que uma é mais antiga na profissão que a outra e a mais antiga é justamente quem vem a contrariar o seu tempo onde essa ideia de amor e cuidado era intrínseca ao magistério.

Para a professora Margarida, as congregações religiosas que se dedicaram à educação em Cajazeiras tiveram muita importância nessa formação docente feminina na região:

*Cajazeiras foi uma cidade que começou com um Padre Católico que foi o Padre Rolim, depois vieram as Dorotéias, depois vieram os Salesianos. Então é marcante essa religião aqui em Cajazeiras, católica, né. E as pessoas souberam aproveitar, por que as Dorotéias ficaram aqui 56 anos. Depois, aí, passou para essa outra congregação que atualmente está no Nossa Senhora de Lourdes. Mas que... 80% das professoras regionais, das circunvizinhanças foram formadas na escola normal de Cajazeiras. Quer dizer que é uma contribuição muito forte para a região e para a cidade também (Margarida).*

Podemos observar a partir dessa fala que, após a chegada das instituições confessionais, muitas mulheres concluíram seus estudos e adentraram ao mercado de trabalho. A profissão docente passa a se configurar como espaço específico na sociedade para atuação das mulheres, espaço este produzido ideologicamente pela sociedade, um lugar definido para atuação feminina, sendo, no entanto, local que também favoreceria a saída das mulheres do reduto do lar, onde até então estavam limitadas por muito tempo (NUNES & MACHADO, 2013).

Nesse sentido podemos observar a importância social que essas instituições tiveram em Cajazeiras e na região. A educação passa a ser vista como um papel da mulher, pelos seus “dons naturais” com o cuidado, o amor, mas por outro lado, promove a sua independência, faz com que saia do lar e busque outros horizontes para além do cuidado para com o marido e os filhos. Portanto, podemos ver que desde muito tempo atrás, a educação e a própria religião ao se unir à primeira vez, historicamente, possibilitando por parte da mulher cajazeirense a construção de seu empoderamento, de sua independência.

## Ética e Ensino

A professora Jasmim traz ainda em sua fala a dimensão ética da educação. Ela vai além da discussão sobre as ligações entre religião e educação, seu pensamento parece estar muito mais atrelado a uma prática ética, como podemos observar na fala a seguir:

*Como eu disse, o professor, ele tanto tem o dom de salvar como tem o dom de condenar. Quando você é um professor que você tem dificuldade de olhar o aluno como um ser, como um indivíduo, você tem a tendência de barrar, de matar, de destruir muita coisa, por que a autoestima de um ser humano, ela é fundamental pra você dar continuidade aos seus projetos. Se você chega e diz que fulano não tem futuro, fulano não sabe de nada... eu até condeno muito as pessoas que fazem esses comentários, por que conhecimento é algo que você não mensura, conhecimento é algo que... capacidade é algo que você não mensura (Jasmim).*

Para Freire (2013), a prática pedagógica deve estar justamente ligada a uma ética que respeita, acima de tudo, os direitos humanos e, dessa forma, deve ser vivenciada na prática, na forma como o professor ministra suas aulas, fazendo com que seus alunos observem a prática dessa ética e, assim, reproduzam-na, não a deixando morrer, fazendo com que ela perpetue e que, futuramente, continue sendo posta em prática dentro da sociedade.

A prática ética da Pedagogia envolve também muitos outros aspectos. Por exemplo, como afirma Freire (2013, p. 48): “por mais que me desagrade uma pessoa, não posso menosprezá-la”, assim é dever do professor ter o autocontrole para que ele não chegue a demonstrar em sua prática esse sentimento de desagrado ou ainda, seus preconceitos, por/para determinada pessoa. E é justamente sobre essa atitude que a professora Jasmim se refere e tanto condena, demonstrando o quão ética parece ser a sua atuação pedagógica, vivenciando isso em sala de aula e fazendo com que, dessa maneira, seja perpetuada entre seus alunos.

## Contribuições para a escola pública

Libâneo (2002) traz a prática docente como atuante no poder emancipatório da educação. Para ele isso se justifica pela necessidade de formar indivíduos críticos, capazes de avaliar o que lhes vem e de dar uma opinião, tornando-se assim, livres para expor suas próprias escolhas e atuar socialmente. Ambas as professoras entrevistadas atuaram/atuam também no ensino público de Cajazeiras. Elas comentam sobre essa experiência:

*[...] gostei muito da escola pública, que atingiu o maior nível de alunos e eu gosto muito desse aspecto social (Margarida).*

*[...] são duas realidades bem diferentes e que, quando você pergunta a sua postura, eu sempre tento ser bem ética em relação a isso (Jasmim).*

Ao falar da escola pública a professora Margarida ainda cita a dimensão cultural trabalhada:

*[...] aqui em cajazeiras nós fazíamos o que, muito teatro, muita conversa educacional, muitos grupos de dança. Tinha o teatro do colégio estadual que hoje também tem muitos artistas, até Marcélia Cartaxo, Marcélia Cartaxo que é uma cajazeirense que hoje ela é atriz da globo. Era esse trabalho, de pintura, de música. Tudo isso foi feito (Margarida).*

Podemos perceber na fala da professora que ela não se reduzia apenas à sala de aula em sua prática. Libâneo (2002) afirma que a prática docente vai muito além da sala de aula, muito além da área escolar, ela abre caminhos para vários outros contextos. Isso nós podemos observar na prática da professora Margarida que agregou o aspecto sociocultural à educação.

A professora Jasmim afirma ainda a importância do educador como guia para que o aluno busque aquilo que lhe faça feliz:

*[...] quando você encontra o seu aluno é... galgando outros patamares, seja na questão das universidades, ou seja como uma pessoa feliz, por que, geralmente a gente tem essa história, a gente acha que o futuro, só dá o futuro se você de repente encontra um aluno seu num consultório médico. Mas e se você encontra um aluno seu pintando um quadro e sendo feliz, dançando e sendo feliz. A gente só não fica feliz quando encontra um aluno drogado na rua, aí a gente olha assim e diz assim é... é... um fracasso (risos) (Jasmim).*

Assim, podemos notar a importância do aspecto cultural citado pela professora Margarida para que o aluno possa ter contato com uma diversidade de possibilidades para a sua vida, como aponta a professora Jasmim.

### **3.2. Discutindo a frase: “Cajazeiras: a cidade que ensinou a Paraíba a ler”**

Assim ficou conhecida essa cidade. Para finalizar, trouxemos essa frase também para a discussão, pois de acordo com Rolim (2010), essa identidade tão exaltada culturalmente na região enaltece o nome do fundador, Padre Rolim, devido a todo esse contexto histórico relatado nos tópicos anteriores e como também coloca uma das professoras entrevistadas:

*[...] é fascinante, né, fascinante você saber que... que alguém conseguiu, e é verdade, e é mérito desse ser, teve todas as oportunidades de... no caso a figura de Padre Rolim, né, de crescer e de ir pra outros... recebeu comendas de Dom Pedro, enfim, mas ele volta pras origens dele, né. E você percebe que ele inicia esse processo educacional, que não foi fácil, eu penso que tudo o que chega novo, com certeza, ele recebeu algumas... ele teve algumas dificuldades de colocar uma escola, mas aí cresce, a cidade cresce em torno dessa educação, né. E depois, você olha hoje a cidade, ela tem todas essas universidades, a quantidade de pessoas que vem de outros estados, né, pra...*

*pra estudar aqui, então você percebe que foi fundamental pro crescimento dessa cidade (Jasmim).*

Verificamos, portanto, na fala da professora, que a identidade do Padre Rolim é, ainda hoje, bastante exaltada. No entanto, na nossa pesquisa, mesmo reconhecendo as contribuições dadas pela história oficial, buscamos valorizar os elementos inerentes à cultura nos diferentes espaços, se apartando, portanto, de uma vertente que toma por base somente a história política (BURKE, 2008). Para Gondra (2006, p.166):

*[...] trata-se de pensar a escrita da História da Educação, desafiando as fronteiras do já sabido para forjar o que ainda não foi pensando, não foi expresso ou que merece ser mais bem discutido e, mantido no horizonte de nossas reflexões.*

De acordo com esses autores, a História da Educação vem sendo (re) construída por meio de uma crescente produção historiográfica, diferenciada e fértil, que tem como foco novas perspectivas e novos olhares para se fazer história (BURKE, 1992). Portanto, pretendemos aqui, discutir a frase que enaltece a cidade de Cajazeiras como um pólo educacional, buscando outros olhares que vão além de sua história oficial, dando voz aos personagens ordinários dessa história.

A professora Margarida recorda a origem dessa fala:

*[...] isso aí foi um político chamado Alcides Carneiro que veio fazer um comício aqui em Cajazeiras e como ele admirava que aqui tinha... o primeiro colégio da região foi aqui em Cajazeiras e tinha o colégio Salesiano, e tinha o Colégio das Dorotéias, e tinha umas escolas boas publicas e ele citou, fez essa frase, por que ele era muito inteligente, escritor, era deputado na época e disse que Cajazeiras quem ensinou a Paraíba a ler, por que aqui foi a primeira escola regional, regional, primária fundada pelo Padre Rolim. Eu acho que ele, em atenção a isso, né, por que sabia também da história de Cajazeiras, mas... não faz muito sentido não (Margarida).*

Em seu depoimento, podemos notar que para ela a frase não se relaciona à realidade da cidade, como ela mesma diz, “*não faz muito sentido*”. Além disso, podemos observar, tanto na fala dela, como da professora Jasmim, certo descontentamento em relação a uma frase que tanto evidencia a educação de Cajazeiras, sendo que hoje isso parece estar sendo deixado de lado:

*[...] hoje me entristece é o fato da educação em si não ser tão valorizada quanto deveria. Você percebe que hoje, nós temos uma biblioteca sucateadíssima, né, você percebe que hoje a educação de Cajazeiras, ela poderia sim, ser mais valorizada, digo no âmbito municipal, estadual, por que, foi o pilar, né, um dos pilares [...] Eu penso que a educação foi o pilar*



*principal da construção, da edificação dessa cidade. E que essa educação, ela deveria ser mais prestigiada, mais valorizada (Jasmim).*

*Bem, essa frase aí num... num tem muito sentido não [...] Se ensinou a Paraíba a ler, eu num sei não. Mas esqueceram o livro há muito tempo (risos) (Margarida).*

Podemos notar nas falas acima o quão a educação na região vem sendo desvalorizada. A professora Jasmim se refere à biblioteca municipal, mostrando a partir desse setor a despreocupação do governo quanto ao eixo educacional. Já a professora Margarida afirma que para ela a frase aqui discutida não tem o menor sentido, mostrando o desinteresse do próprio povo em valorizar a educação. Essa falta de interesse pode ser percebida dentro da própria biblioteca municipal que, hoje, é pouco frequentada pela população.

Toda a análise anterior permitiu voltarmos à história educacional de Cajazeiras e verificar uma cultura fortemente católica já enfocada na história oficial, mas que, muito além disso, se utiliza da religião para uma formação humana. Portanto, não podemos deixar de citar um processo de subjetivação docente (CUNHA, 2013) que de certa forma tem historicamente, atribuído às nossas professoras um certo dever moral. Podemos ver isso em muitas de suas falas, quando elas acabam por conformar a história oficial de Cajazeiras, que também não deixa de ter a sua importância, pois essa união religião-educação permitiu ainda muitos avanços na região cajazeirense, principalmente no que diz respeito a formação feminina, com a chegada da Escola Normal que, no princípio, tinha como maior público as mulheres.

Nossas análises permitiram ainda voltar um olhar para a contribuição de duas professoras na região, que deixaram marcas em muitas pessoas que por elas passaram, uma de personalidade mais rígida e a outra mais amorosa, uma mais antiga e a outra mais contemporânea, mas cada uma, dentro de suas perspectivas formativas, preocupadas com a educação de Cajazeiras/PB, com o que plantam em sua prática que, devido às suas fortes características para uma formação ética, humana e cultural, deixaram rastros de uma atuação pedagógica relevante na cidade e que, de acordo com Cunha (2013), não poderia deixar de ser uma atuação marcada pelas influências socialmente arraigadas em um tempo e lugar com fortes características religiosas e educacionais e que, portanto, trata-se de uma identidade socialmente e culturalmente construída.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve a pretensão de analisar a história da educação da cidade de Cajazeiras a partir da fala de professoras católicas. Isso foi possível por meio da entrevista que possibilitou a expressão das memórias de duas professoras da região. Tendo em vista os diferentes contextos e épocas de atuação de cada uma delas, foi possível identificar diferentes contribuições, perspectivas e pensamentos acerca da educação cajazeirense.

Nossa pesquisa indica a possibilidade de se desempenhar uma releitura do passado, como forma de construção de uma nova história. Trata-se da necessidade da escrita de novas abordagens sobre páginas históricas que, muitas vezes, retratam visões lineares e fechadas, reflexos de épocas caracterizadas por construções históricas; nem sempre claras e bem definidas (BURKE, 2005).

Esses debates na História influenciaram os estudos em História da Educação que vêm sendo (re) construídos por meio de uma crescente produção historiográfica, temática e teoricamente, diferenciada e fértil. Ganha, portanto, novos contornos, perspectivas e olhares. Nesse sentido, há uma preocupação em identificar, em diferentes momentos históricos, questões que revelam traços das possíveis mudanças e permanências que marcam o processo educacional cajazeirense. Desse modo, partindo de uma perspectiva histórica, nossa discussão lançou o olhar para o passado, com o fim de entender, por meio das representações mais “comuns” da profissão docente, os detalhes que marcaram a vida e atuação de duas professoras.

Neste trabalho, fizemos o que aponta CHARTIER (1990), quando adverte que é chegado o tempo de a História da Educação redirecionar o olhar para os aspectos internos do trabalho escolar, sobretudo, para os momentos de conflito, de descompassos e de rupturas que caracterizam o sistema educacional. Desse modo, acreditamos que os resultados e as discussões que aqui levantados ajudam a compreender os processos educativos contemporâneos, porquanto comungamos da ideia de que muitas concepções de educação atuais da cidade de Cajazeiras resultam das alianças e das práticas de um processo sociocultural e histórico. Vale ressaltar, que tal processo foi fortemente marcado pela atuação da igreja católica e da família Rolim, que de certa forma, faziam parte do mesmo grupo.

Cajazeiras, como bem se sabe, foi toda edificada em torno da religião e da educação. As falas das professoras trouxeram outras perspectivas, além daquela que já conhecemos. Desconstruir essa história não quer dizer desconsiderar o já sabido, mas sim, acrescentar a

isso esses novos olhares. Nesse sentido, nosso estudo possibilitou uma visão mais ampla da história educacional de Cajazeiras, sobre a qual podemos destacar a importância que teve o seu envolvimento com a questão religiosa. Foi a partir da iniciativa católica que a Escola Normal veio a esta cidade e dá seus frutos até hoje com o atual CNSL. Essa iniciativa teve uma forte importância social, ao possibilitar a formação da mulher Cajazeirense, a sua saída do reduto do lar em busca de novos horizontes, de sua própria independência, o que demonstra a influência dessa união educação-religião no empoderamento feminino dessa cidade que, na verdade, ensinou a mulher do sertão paraibano, não só a ler, mas a buscar a igualdade de direitos numa época em que começavam a se abrir as portas do mercado de trabalho para esse público.

Por outro lado, através das falas das professoras, pudemos notar o quanto essa educação vem sendo desvalorizada atualmente na “cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Tal frase para elas tem perdido todo o sentido, diante de uma população que não se interessa mais pelo estudo e diante de um governo que não investe nesse eixo que foi tão importante para a evolução da cidade. Mas o trabalho renova as esperanças das professoras e como foi possível observar em suas falas, pouco a pouco se pode construir uma sociedade mais consciente através de um trabalho docente que visa não só a cognição, mas a dimensão humana, cultural e social do educando, na perspectiva de um dia revê-lo feliz com suas escolhas, consciente daquilo que faz e crítico em relação à sociedade, sendo este o papel e o lugar social ocupado por essas educadoras na formação da cidade de Cajazeiras.

Por fim, tudo isso nos possibilitou identificar os “silêncios” da história que conhecemos e desconstruir as “verdades” que com o tempo se tornaram conformadas na sociedade cajazeirense, podendo refletir, através da voz das professoras, pessoas que tiveram e têm contato direto com a educação de Cajazeiras e, portanto, quebra esse silêncio e nos traz novos fatos, novas realidades e novas perspectivas de uma cidade envolta de uma cultura historicamente educacional e religiosa.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2005.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Gomes de Paulo 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BURKE, P. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas.** 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CHARTIER, R. **A História cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Brasil, 1990.
- COSTA, K. T. S.; COSTA, N. T. S. **Representações do ser professora: uma profissão destinada as mulheres?** III Seminário de Gênero e práticas culturais – Olhares diversos sobre a diferença, João Pessoa –PB, 2011.
- Colégio Nossa Senhora de Lourdes. **História.** Disponível em: <<http://www.cnslpb.com.br/institucional/hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 01 de maio de 2018.
- COSTA, S. F. G.; SILVA, M. I. T.; OLIVEIRA, E. F. & LIMA, C. B. **Metodologia da pesquisa: Coletânea de Termos - João Pessoa: Ideia, 2000, 105p.**
- CUNHA, J. R. **Colégio Nossa Senhora De Lourdes.** 2000.
- CUNHA, M. I. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 3, p. 609-625, 2013.
- Frades Carmelitas. **Irmãs Missionárias Carmelitas.** Disponível em: <<http://fradescarmelitas.org.br/irmas-missionarias-carmelitas-77/>>. Acesso em 01 de maio de 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** 47ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed, São paulo: Atlas, 2011.
- GONDRA, J. G. **Historiografia da educação, seus balanços e saberes: A ultrapassagem como problema.** Conferência proferida na mesa redonda no IV Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado na Universidade Católica de Goiânia, 2006.
- GONDRA, J. G. & SCHUELER, A. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro (Brasil, 1822 -1889).** São Paulo: Cortez, 2008.
- JACÓ, M. O. I. **A participação da mão de obra escrava na Vila Cajazeiras no Séc. XIX,** Cajazeiras-PB, 2005. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia do Ensino de História) – Departamento de Ciências Sociais – Centro de Formação de Professores – Universidade Federal de Campina Grande.

JOFFLY, G. **Um cronista do sertão no século passado**. Campina Grande, comissão do centenário, 1965, p. 21-22.

LEITÃO, D. **O educador dos sertões**: Vida e obra do Padre Inácio de Sousa Rolim. Teresina, gráfica Estado do Piauí Impressora e Editora Ltda, 2000.

LIBÂNEO, J. C.; SILVA, C. S. B.; FRANCO, M. A. S.; PIMENTA, S. G. & PINTO, U. A. **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**, In. LIBÂNEO. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. São Paulo: Cortez, 2002, p. 59-97.

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, Mary Del. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

LUDWIG, C. R.; WOLSCHICK, I. & SOARES, L. T. A Alemanha: Nazismo, Socialismo e Literatura. **Revista Ideias**, nº 13, 2001, p. 9-12.

MACHADO, C. J. S.; NUNES, M. L. S & MENEZES, C. S. **A mulher e a educação**: pelos fios das memórias. In: Educação e Educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2009. Vol.1.

MOREIRA, R. N. P. **HISTÓRIA E MEMÓRIA: algumas observações**. Universidade de campinas. S/D.

NASCIMENTO, M. C. M. **FILHAS E IRMÃS DO PADRE IBIAPINA: EDUCAÇÃO E DEVOÇÃO NA PARAÍBA (1860-1883)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. FERREIRA, Antônio Carlos Pinheiro, 2009.

NUNES, I. **IDEAL MARIANO E DOCÊNCIA: a identidade feminina da Proposta Educativa Marista**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

NUNES, M. L. S. & MACHADO, C. J. S. **A Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino (APPF) e Suas Ações de Incentivo à Leitura (1933-1937)**. In: VII CBHE - CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013. Anais... Cuiabá: SBHE, 2013. , p. 1-15.

NUNES, M. L. S.; MACHADO, C. J. S. **Uma Página Feminina**: escritos para a educação das mulheres paraibanas (década de 1930). Revista HISTEDBR On-line. Campinas, no 54, dez. 2013. Disponível em: Acesso em: 05 fev. 2018.

NUNES, M. L. S. SILVA, V. S. & MACHADO, C. J. S. **“Quem não estuda não vence”**: Retalhos biográficos de Júlia. In: NUNES, M. L. S., TEXEIRA, M. M., MACHADO, C. J. S., et. Al (orgs). **EU CONTO, VOCÊ CONTA: LEITURAS E PESQUISAS AUTOBIOGRÁFICAS**. Fortaleza: EdUECE, 2017.

PALHARI, H. M. L. C. **PRÁTICA DOCENTE EM JOÃO PESSOA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EDUCADORA ANA MARIA MEIRA LEAL**. Dissertação apresentada em defesa ao curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade

Federal da Paraíba. Orientador: Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado. João Pessoa, 2013.

GOMES, V. F. & PEREIRA, L. G. **Colégio Nossa Senhora De Lourdes Cajazeiras - Paraíba: Irmãs Escolares de Nossa Senhora, Educando para a vida.** 2004.

PIRES, H. **Padre Mestre Inácio Rolim: Um trecho da colonização do Norte brasileiro e o Padre Rolim.** 2ª ed. Teresina, Gráfica Estado do Piauí – Impressora e Editora Ltda, 1991.

PLÁCIDO, G. D. **CIVISMO E RELIGIÃO CATÓLICA NA CULTURA ESCOLAR DA E. E. B. PROFESSORA JULIETA TORRES GONÇALVES – NOVA VENEZA/ SC (1971-1985).** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC sob orientação da Profª Drª RABELO, Giani, 2015.

Rádio Alto Piranhas. **Imagem de Nossa Senhora da Piedade é exposta em evento da Diocese.** Disponível em: < <http://www.radioaltopiranhas.com.br/2014/09/imagem-de-nossa-senhora-da-piedade-e-exposta-em-evento-da-diocese/>>. Acesso em 17/04/2018.

ROLIM, E. S. **Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras-PB: Memória, políticas públicas e educação patrimonial.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba sob orientação da Profª. Dra. OLIVEIRA, Carla mary S, 2010. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2010\\_mest\\_eliana\\_rolim.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2010_mest_eliana_rolim.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2017.

SHARPE, J. **A história vista de baixo.** In.: BURKE, P. (Org.) **A ESCRITA DA HISTÓRIA: Novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SOUSA, D. S. S. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes: culturas escolares em Cajazeiras-PB (1949- 1983).** 2018. 195f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível Em: < <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25070>> . Acesso em: 13 jul. 2018.

SOUSA, D. S. S. Tecendo Memórias Educacionais no Sertão Paraibano: Carmelita Gonçalves e suas Contribuições à Educação em Cajazeiras/Pb. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 214-224, 2010.

SOUSA, D. S. S. & MORAIS, M. A. C. Colégio Nossa Senhora de Lourdes – Cajazeiras/PB: Primeiras Décadas de Funcionamento. **Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação**, p. 696-710, João Pessoa, UFPB, 2017.

SOUSA, M. F. **Negociação, resistência e liberdade: relações entre senhores e escravos na vila de Cajazeiras dos anos de 1864-1871, Cajazeiras-PB,** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – Centro de Formação de Professores – Universidade Federal de Campina Grande.

SOUZA, A. J. **Cajazeiras nas crônicas de um Mestre-Escola.** Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, João Pessoa, 1981.

TAVARES, E. C. **D. Moisés Coelho**: 1º Bispo de Cajazeiras, 2º Arcebispo da Paraíba - Perfil Biográfico. 2ª Edição, João Pessoa-PB, 1997.

VIDAL, D. G. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. São Paulo: Autores Associados, 2005, 139p. (Coleção Memória da Educação).

## **APÊNDICES**



## Apêndice A – Roteiro de entrevista

### DADOS BIOSOCIODEMOGRÁFICOS

Idade:

Sexo: ( ) M ( ) F

Escolarização:

Tempo de serviço como professor (a):

Tempo de serviço como professor (a) de uma instituição católica:

### ENTREVISTA

- 1) Relate sobre a sua experiência em sala de aula ao longo dos anos.
- 2) Houve alguma mudança na sua conduta como professor (a) com o passar do tempo? Relate sobre.
- 3) Fale um pouco sobre a sua experiência como professor (a) de uma instituição educacional católica.
- 4) Houve alguma mudança em sua conduta com o passar do tempo nesse tipo de instituição? Relate sobre.
- 5) De que forma você compreende o papel que o professor desempenha na sociedade?
- 6) De que forma o seu trabalho como professor (a) pode ter influenciado a vida daqueles que passaram por você ao longo dos anos?
- 7) Quais as contribuições que você considera que o seu trabalho na docência trouxe para a cidade de Cajazeiras, tendo em vista a sua conduta em sala de aula e os alunos que passaram por você ao longo dos anos?
- 8) Para você, de que forma o trabalho docente pode ter se modificado ao longo do tempo, levando em consideração as metodologias de ensino e o relacionamento com os alunos?
- 9) Comente com suas palavras a frase “Cajazeiras, a cidade que ensinou a Paraíba a ler”.
- 10) Como você entende as contribuições das instituições educacionais católicas para a formação educacional de Cajazeiras ao longo dos anos?

## Apêndice B – Entrevistas Transcritas

### DADOS BIOSOCIODEMOGRÁFICOS

**Idade:** 49 anos

**Sexo:** ( ) M (X) F

**Escolarização:** “Ensino superior completo. Graduação em letras e especialização em Língua Portuguesa e literatura”

**Tempo de serviço como professor (a):** “Mais de 20 anos”

**Tempo de serviço como professor (a) de uma instituição católica:** “15 anos”

### ENTREVISTA

#### 1) **Relate sobre a sua experiência em sala de aula ao longo dos anos.**

“Na verdade, o professor ele... por uma questão de... por uma questão metodológica, dependendo da sala de aula que você, né, que você recebe no início do ano, você não pode ser o mesmo professor, você não pode ter as mesmas metodologias, você não pode ter a mesma linha de raciocínio sempre, porquê cada aluno ele exige de você uma postura diferente, uma metodologia diferente. Então não tem como você começar um professor e depois de 20 anos você ser o mesmo professor. Ao longo dos anos o seu perfil vai mudando, a sua forma de ver a educação vai mudando. E de acordo com as necessidades pontuais daquela sala de aula, elas também vão mudando.”

#### 2) **Houve alguma mudança na sua conduta como professor (a) com o passar do tempo? Relate sobre.**

“Eu acabei, né, de... de dizer, não tem como. A série do ano passado não é a série desse ano. Até por que, as... as... as metodologias, as vertentes de ensino e aprendizagem vão mudando. Vai acontecendo novos teóricos que você vai estudando e você vai concordando com o pensamento desses teóricos. Então, você vai acrescentando muita coisa na sua prática. É natural, é um processo... eu acredito, o processo profissional de todo ser que trabalha, seja em qualquer área, é você tá sempre atribuindo, acrescentando a sua prática coisas que você tá vendo que tá dando certo”.

#### 3) **Fale um pouco sobre a sua experiência como professor (a) de uma instituição educacional católica.**

“Na verdade eu tenho, assim, duas experiências bem diferentes. Duas disparidades. Eu sou professora do ensino municipal de cajazeiras há 20 anos e, concomitante a isso, no Colégio Nossa Senhora do Carmo. Então, assim, são duas realidades bem diferentes e que, quando você pergunta a sua postura, eu sempre tento ser bem ética em relação a isso. A mesma, a tentativa, não que consigamos, porque são duas realidades bem diferentes, mas como você só fala da instituição que ela é confessional, a postura é assim, é tudo, é algo que você gosta, primeiro você tem que gostar do que você faz. Eu sou católica, de nascença, amo minha religião. Então eu me sinto muito feliz, muito a vontade, concordo com o que é colocado na escola, a forma como Deus é evidenciado, os princípios. Porque não tem como você formar... A nossa escola tem uma linha de pensamento, que não é o ter, é o ser. E nós tentarmos fazer que os nossos alunos não tenham só a cognição do português, da matemática, enfim, das áreas afins, mas fazer com que aquele aluno acredite que existe um ser superior que é Deus e que nós precisamos tentar ser seres melhores sempre. Então esses valores que são ensinados na escola, na verdade, eles são fundamentais pra conduta de qualquer ser humano.”

**\*Então a partir da questão religiosa forma também a parte humana da pessoa?**

“Com certeza. Eu li que fizeram uma pesquisa nos Estados Unidos com uma quantidade x de alunos e esses alunos tiveram a mesma educação, os mesmos professores, a mesma sistemática. O que diferenciava essas pessoas era, na verdade era a família, não era a escola, era a família que dava a essas crianças uma educação inconsciente nos princípios. E aí foram vendo a questão dos comportamentos e das atitudes que eram totalmente diferentes. Então o ser tem que ser formado de forma global. Não é só olhar para o ser no intelectual, mas ele de uma forma universal. E quando você coloca Deus pra ele, Deus é o universo, Deus é o tudo, você percebe que você consegue trazer pra essa criança, você planta sementes, esperando que elas deem bons frutos. Isso não quer dizer que esses alunos que vão passar por essa educação, por esses princípios, eles vão ser pessoas íntegras totalmente, mas que... é preciso fazer algo. Hoje eu acho que o que falta muito, em todas as áreas, é a humanidade. Não adianta você ser o melhor médico, o melhor professor, o melhor auxiliar de serviço, se em você não tem isso, a humanidade. E a humanidade, no global, quem deixou os maiores ensinamentos? Foi Deus.”

**4) Houve alguma mudança em sua conduta com o passar do tempo nesse tipo de instituição? Relate sobre.**

“Aprendemos muito, até porquê a nossa mentora é alguém que sempre tá nos ensinando isso: olhar o aluno como um terreno que é preciso adubar, é preciso cuidar, é preciso ver o que tá faltando. Então não tem como você dizer que você não cresce. Você cresce sim, você muda muita coisa do seu comportamento. E você em si, seus comportamentos, quer queira quer não, eles mudam, por que você tem que ser o exemplo. O professor, ele é o exemplo, então tem que partir dele. Você não dá aquilo, você não consegue convencer o outro daquilo que você não tem convicção”

**5) De que forma você compreende o papel que o professor desempenha na sociedade?**

“Se todos os professores tivessem consciência do quão importante eles são, eu penso que a sociedade hoje seria outra, porque o professor, ele tem uma capacidade muito grande de influenciar diretamente o aluno. O professor, ele tem referência na vida da criança, principalmente nos anos iniciais. E depois, essa consciência na vida do professor... essa semana eu recebi o relato de outra professora que encontrou um aluno no ensino médio. E aí esse aluno, com a letra bem bonita, dizendo que gostava muito de português. E ela foi e... fez esse comentário, professora de química, ela é professora de química e fez esse comentário pro aluno, ‘eu penso que você gosta muito de português’. Aí ele foi e disse ‘gosto e eu devo tudo isso a uma professora que eu tive no quinto ano no Colégio Vitória Bezerra...’, aí foi citar... ‘quem era essa professora?’... ‘Célia’... quer dizer, aí você fica assim, meu Deus, como você, de alguma forma, marca a vida do aluno.

**6) De que forma o seu trabalho como professor (a) pode ter influenciado a vida daqueles que passaram por você ao longo dos anos?**

“Como Eu disse, o professor, ele tanto tem o dom de salvar como tem o dom de condenar. Quando você é um professor que você tem dificuldade de olhar o aluno como um ser, como um indivíduo, você tem a tendência de barrar, de matar, de destruir muita coisa, por que a autoestima de um ser humano, ela é fundamental pra você dar continuidade aos seus projetos. Se você chega e diz que fulano não tem futuro, fulano não sabe de nada... eu até condeno muito as pessoas que fazem esses comentários, por que conhecimento é algo que você não mensura, conhecimento é algo que... capacidade é algo que você não mensura. E outra coisa também que eu defendo é que nós não somos obrigados a sermos bons em tudo. Nós não temos a capacidade de ser bom em tudo o que se faz... temos que ser nerds... Se eu não tenho

a capacidade tão grande, extrema, de aprender matemática, né, de desenvolver cálculos, mas aí talvez eu tenha uma outra habilidade a se desenvolver. Então eu penso que é por aí”.

**7) Quais as contribuições que você considera que o seu trabalho na docência trouxe para a cidade de Cajazeiras, tendo em vista a sua conduta em sala de aula e os alunos que passaram por você ao longo dos anos?**

“Cada profissional, de uma escola, seja ela a instituição que for, se ele trabalha de uma forma bem responsável e com amor, ele vai trazer contribuições pra história educacional dessa cidade. Então, assim, todo professor, ele dá, sim, essa contribuição, quando você encontra o seu aluno é... galgando outros patamares, seja na questão das universidades, ou seja como uma pessoa feliz, por que, geralmente a gente tem essa história, a gente acha que o futuro, só dá o futuro se você de repente encontra um aluno seu num consultório médico. Mas e se você encontra um aluno seu pintando um quadro e sendo feliz, dançando e sendo feliz. A gente só não fica feliz quando encontra um aluno drogado na rua, aí a gente olha assim e diz assim é... é... um fracasso (risos), mas assim, no mais, eu acho que a contribuição de todo professor que trabalha com consciência, ela existe”.

**“Mas e a sua contribuição específica? A senhora falou meio que no geral...”**

“Eu sou assim, eu sou muito obstinada naquilo que eu faço. Eu sou muito assim, as vezes até caxias em relação a determinadas coisas. A minha contribuição, a minha conduta é de fazer com que o aluno, ele se desenvolva, que ele olhe praquilo que ele faz e faça com amor, que fique algo, que aquilo, por menor que tenha ficado, que funciona e contribua, praquilo que ele se dispuser a fazer depois disso. Eu penso que a contribuição foi satisfatória, por que o trabalho é tão árduo, é tão grande, que se você se auto avaliar como quem ‘ah eu nunca contribuí com nada’ é deprimente, eu acho que contribuímos e contribuímos bem”.

**8) Para você, de que forma o trabalho docente pode ter se modificado ao longo do tempo, levando em consideração as metodologias de ensino e o relacionamento com os alunos?**

“Eu acho que essa resposta foi respondida, né, bem antes. Professor de verdade, compromissado, ele não tem como. E você percebe até nas mudanças da educação ao longo dos anos. Veio a LDB, veio PCN’s, agora a BNCC, então não tem como o professor se tornar... ficar engessado. Ele tem que ter essas mudanças, ele tem que ter essa flexibilidade e estudar. Eu costumo dizer que a nossa profissão é uma profissão que nós somos pagos para estudar, nós temos, sim, que estudar. Devemos nunca parar, achar que ‘não, o que eu sei tá

bom, a minha forma de trabalhar tá correta'. Não, absolutamente. Vai depender de todo esse contexto social. O professor ele tem que tá o tempo todo, é... se motivando nesse sentido, de estudar, de conhecer, de pesquisar, por que, pra você trabalhar você tem que ter uma linha de estudos e como é que você tem uma linha de estudos se você não conhece pesquisadores, se você não comunga com a ideia desses pesquisadores?"

**9) Comente com suas palavras a frase “Cajazeiras, a cidade que ensinou a Paraíba a ler”.**

“Eu... quando conheci... cheguei nessa cidade, comecei a conhecer a história, é fascinante, né, fascinante você saber que... que alguém conseguiu, e é verdade, e é mérito desse ser, teve todas as oportunidades de... no caso a figura de Padre Rolim, né, de crescer e de ir pra outros... recebeu comendas de Dom Pedro, enfim, mas ele volta pras origens dele, né. E você percebe que ele inicia esse processo educacional, que não foi fácil, eu penso que tudo o que chega novo, com certeza, ele recebeu algumas... ele teve algumas dificuldades de colocar uma escola, mas aí cresce, a cidade cresce em torno dessa educação, né. E depois, você olha hoje a cidade, ela tem todas essas universidades, a quantidade de pessoas que vem de outros estados, né, pra... pra estudar aqui, então você percebe que foi fundamental pro crescimento dessa cidade. Eu só não... não... hoje me entristece é o fato da educação em si não ser tão valorizada quanto deveria. Você percebe que hoje, nós temos uma biblioteca sucateadíssima, né, você que percebe hoje a educação de Cajazeiras, ela poderia sim, ser mais valorizada, digo no âmbito municipal, estadual, por que, foi o pilar, né, um dos pilares. A religiosidade na cidade de Cajazeiras, ela é muito presente, mas como uma consequência. Eu penso que a educação foi o pilar principal da construção, da edificação dessa cidade. E que essa educação, ela deveria ser mais prestigiada, mais valorizada”.

**10) Como você entende as contribuições das instituições educacionais católicas para a formação educacional de Cajazeiras ao longo dos anos?**

“Nós temos duas.... é... na questão do fundamental e médio, né, nós temos duas instituições que são padrões em Cajazeiras e que recebemos, sim, muitos alunos de outros estados, até, e de outros municípios e que a contribuição dessa... dessas instituições... mas o que entristece é que essas instituições são particulares, né. Quem tem o acesso a essa educação são pessoas menos abastadas. E no caso nós temos as duas escolas e temos uma universidade, né, que também eu acredito que seja confessional, que é na FAFIC. Mas aí, você percebe que são instituições... e que contribuem, quanto a isso não resta nenhuma dúvida, elas têm assim, que

poderiam, eu penso, principalmente uma outra instituição que é filantrópica, que não é o caso, é só um desabafo, por que, a partir do momento que você é filantrópico, eu acreditaria que o filantropismo justamente daria condições a oferecer mais à comunidade, né, no caso do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, ele é filantrópico. Então eu penso que ele deveria ter, assim, mais contribuições em relação à educação dessa cidade, mas faz muito. Essas instituições que nós temos aqui as contribuições são importantes, muito importantes.

## DADOS BIODEMOGRÁFICOS

Idade: 78

Sexo: ( ) M (X) F

Escolarização: Superior em Geografia e Estudos Sociais

Tempo de serviço como professor (a): “33 anos e 6 meses”

Tempo de serviço como professor (a) de uma instituição católica: “Eu acho que uns 20 anos”.

## ENTREVISTA

### 1) **Relate sobre a sua experiência em sala de aula ao longo dos anos.**

“A experiência? Mas em que sentido essa experiência? Assim... por que a experiência de um professor é ilimitada, né. Você num pode ficar é... reduzido a uma matéria, ao contato social com os alunos, à instituição, ao governo, aspecto social, aspecto econômico, relações humanas. Tudo isso implica, né isso?”

#### **Especificando na questão de escola pública e escola católica, como foi a experiência em cada uma delas?**

“Cada uma no seu contexto, né, diferenciado. E gostei muito da escola pública, que atingiu o maior nível de alunos e eu gosto muito desse aspecto social. Eu trabalhei também, muito tempo também, como diretora escolar, administrativa, fui também diretora do Grete que governava 16 municípios. Então pra mim foi uma experiência muito boa, válida, na minha vida profissional”.

### 2) **Houve alguma mudança na sua conduta como professor (a) com o passar do tempo? Relate sobre.**

“Assim, em que sentido essa mudança?” Por que a vida num pode ser da mesma maneira. Cada ano, cada década há mudanças, né. Aconteceram mudanças na lei do ensino e também aconteceram mudanças no aspecto social. Então isso aí é muito relativo. Você não pode dizer que o colégio tal funcionava dessa maneira era válido, o colégio tal funcionava dessa outra maneira era válido... Tinha as administrações, tinha os professores, tinha os alunos e as mudanças na lei. Que ninguém pode dizer se foi melhor ou foi pior. Eu posso dizer que foi pior (risos). Por que... a didática, né, o aspecto social. É muita dificuldade. O governo não pode cumprir com o que a lei determina, por que falta dinheiro... falta dinheiro. A verba que, sim, vem, não é aplicada como devia ser aplicada. Por que é municipalizado. Esse mundo



depois que passa a ser municipal também num foi muito bom. Quando era só estado, estadual era melhor. Municipalizado num foi muito bom não”.

**3) Fale um pouco sobre a sua experiência como professor (a) de uma instituição educacional católica.**

“Eu estudei em colégio católico. Fui aluna interna do Nossa Senhora de Lourdes no tempo das dorotéias, congregação das dorotéias que existia aqui. Estudei interna, depois estudei semi-interna e fui aluna de externato também. Nós tínhamos uma educação muito aprimorada, por que as irmãs, elas tinham como objetivo a formação. Não era, não era só a pessoa aprender, não era só que você tinha o conteúdo, matéria. Elas visavam muito a formação pessoal de cada aluno. Por que hoje em dia há uma preocupação só com o conteúdo. E nem sempre é vencido esse conteúdo, né. Então elas eram muito rigorosas na educação familiar, educação social e educação religiosa”.

**4) Houve alguma mudança em sua conduta com o passar do tempo nesse tipo de instituição? Relate sobre.**

“Eu acho que sim, né. Hoje eu sigo ainda quase as mesmas instruções que elas deram. Às vezes a gente quer fazer alguma coisa, mas a gente lembra que não foi aquela formação que a gente recebeu”.

**5) De que forma você compreende o papel que o professor desempenha na sociedade?**

“O papel do professor é fundamental. A família, a família é responsável pela pessoa, mas fundamental na formação é a educação. E só podem caminhar juntas, a educação doméstica, que é a educação familiar, junto com a educação social. Que as escolas procuram desempenhar. Hoje em dia já está mais difícil. Aconteceram várias mudanças sociais, os professores não têm mais aquela força que tinha. O professor não é mais respeitado, né. Antigamente era. O professor era o professor. Que havia aquela reverência toda especial. O professor quando entrava em sala de aula, os alunos levantavam, davam bom dia, cumprimentavam, né, esperavam a aula direitinho, né, não havia essa bagunça que está acontecendo hoje. Eu digo bagunça, por que eu já estou aposentada, né, mas é porque, eu converso com meus colegas e eles contam que eles não podem mais nem ter domínio da turma por que os alunos se rebelam. Eles podem tudo, o professor não pode nada”.

**6) De que forma o seu trabalho como professor (a) pode ter influenciado a vida daqueles que passaram por você ao longo dos anos?**

“Olha, eu acho que aqui em Cajazeiras eu... modéstia parte, eu tive uma influencia muito forte onde eu ensinei, com os meus ex alunos. Por que ainda hoje eu recebo, né, abraços, cumprimentos, reminiscências deles... porque eu, além de educadora, fui formadora também. A maioria desses alunos nessa faixa de... de 45, 50 anos foram meus alunos e eu recebo muito reconhecimento da parte deles. Eu era até, meio... rigorosa. Eu era conhecida no colégio, né, a nazista. Por que eu não abria. Aluno tinha que entrar na hora certa, tinha que sair na hora certa, tinha que fazer o dever, tinha que fazer a prova. Eu não abria muito não. A gente tinha que obedecer a disciplina. Tive bons acompanhantes de disciplina, com o Monsenhor Vicente, trabalhei muitos anos com ele. Ele era também muito rigoroso a respeito disso e contribuiu também pra muitos alunos da região também.

**7) Quais as contribuições que você considera que o seu trabalho na docência trouxe para a cidade de Cajazeiras, tendo em vista a sua conduta em sala de aula e os alunos que passaram por você ao longo dos anos?**

“Essa pergunta está relacionada a essa primeira que você fez. Esse relacionamento, conduta, foi muito importante na minha vida. Com os professores também, eu saí, trabalhei 36 anos na educação e não deixei nenhum inimigo, apesar de ser conhecida como rigorosa, nas atitudes... E na cidade em si também, eu contribuí muito, assim por que eu organizei muitas festas aqui, os eventos educacionais também. Apesar da... das pessoas hoje, quase não... não, não acontecer mais educacional, mas a gente fazia... os famosos grêmios estudantis que a gente é... fazia assim como, quase como um treinamento político, tanto na escola como para os alunos... os alunos treinavam política, né, através dos grêmios estudantis”.

**\*A senhora pode falar mais um pouquinho sobre esses eventos que a senhora organizava?**

“Por exemplo, aqui em cajazeiras nós fazíamos o que, muito teatro, muita conversa educacional, muitos grupos de dança. Tinha o teatro do colégio estadual que hoje também tem muitos artistas, até Marcélia Cartaxo, Marcélia Cartaxo que é uma cajazeirense que hoje ela é atriz da globo. Era esse trabalho, de pintura, de música. Tudo isso foi feito”.

**8) Para você, de que forma o trabalho docente pode ter se modificado ao longo do tempo, levando em consideração as metodologias de ensino e o relacionamento com os alunos?**

“

**9) Comente com suas palavras a frase “Cajazeiras, a cidade que ensinou a Paraíba a ler”.**

“Bem, essa frase aí num... num tem muito sentido não. Por que isso aí foi um político chamado Alcides Carneiro que veio fazer um comício aqui em Cajazeiras e como ele admirava que aqui tinha o primeiro colégio da região foi aqui em Cajazeiras e tinha o colégio Salesiano, e tinha o Colégio das Dorotéias, e tinha umas escolas boas publicas e ele citou, fez essa frase, por que ele era muito inteligente, escritor, era deputado na época e disse que Cajazeiras quem ensinou a Paraíba a ler, por que aqui foi a primeira escola regional, regional, primária fundada pelo Padre Rolim. Eu acho que ele, em atenção a isso, né, por que sabia também da história de Cajazeiras, mas... não faz muito sentido não. Se ensinou a Paraíba a ler, eu num sei não. Mas esqueceram o livro há muito tempo (risos).”

**10) Como você entende as contribuições das instituições educacionais católicas para a formação educacional de Cajazeiras ao longo dos anos?**

“Bem, é... Cajazeiras foi uma cidade que começou com um Padre Católico que foi o Padre Rolim, depois vieram as Dorotéias, depois vieram os Salesianos. Então é marcante essa religião aqui em Cajazeiras, católica, né. E as pessoas souberam aproveitar, por que as Dorotéias ficaram aqui 56 anos. Depois, aí, passou para essa outra congregação que atualmente está no Nossa Senhora de Lourdes. Mas que... 80% das professoras regionais, das circunvizinhanças foram formadas na escola normal de Cajazeiras. Quer dizer que é uma contribuição muito forte para a região e para a cidade também. Apesar de hoje, também, com essas mudanças na lei, não pode mais nem ensinar religião nas escolas, né, tem esse lado, né, num pode mais, mas a contribuição ainda continua muito forte de religião em Cajazeiras. Tudo que tem aqui foi... foi as escolas católicas que colaboraram, contribuíram, para o progresso desta cidade. E as faculdades atualmente, a FAFIC, que agora também vai se expandir pra Itaporanga, né, tudo isso são contribuições que o catolicismo trouxe”.

**\*A senhora pode falar sobre essas congregações religiosas que passaram por Cajazeiras?**

“Minha filha, congregações religiosas que se dedicaram a educação, só os salesianos que passaram muito tempo, as Dorotéias, tem as carmelitas que mantêm uma escola, mas a escola lá é estadual. Mas as carmelitas, elas é que acompanham. Mas as outras congregações que existem em cajazeiras, elas não são dedicadas a educação, são dedicadas a outros trabalhos. Mas as contribuições foram válidas e continuam sendo válidas, é edificante o que fizeram esses padres e essas freiras pela educação de cajazeiras, muito edificante isso, haja vista o

número de pessoas que estudaram em cajazeiras, pessoas importantes que contribuíram pra história do Brasil, não só de Cajazeiras, mas da Paraíba e do Brasil”.